



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DAVI JONATAS AVELINO CLEMENTE

**AO NORTE DO PARALELO 38: UMA ANÁLISE DO ISOLAMENTO POLÍTICO DA
COREIA DO NORTE (1832-1953)**

**MACEIÓ
2023**

DAVI JONATAS AVELINO CLEMENTE

**AO NORTE DO PARALELO 38: UMA ANÁLISE DO ISOLAMENTO POLÍTICO DA
COREIA DO NORTE (1832-1953)**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Nonata da Silva

MACEIÓ
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C626a Clemente, Davi Jonatas Avelino.
Ao norte do paralelo 38 : uma análise do isolamento político da Coreia do Norte
(1832-1953) / Davi Jonatas Avelino Clemente. – 2023.
71 f. : il.

Orientadora: Célia Nonata da Silva.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 70-71.

1. Ásia - Historiografia. 2. Regimes fechados. 3. Coreia do Norte. I. Título.

CDU: 94(519.3)

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente à minha respeitável orientadora, Dra. Célia Nonata, por sua inestimável confiança e apoio desde o início deste trabalho acadêmico. Sua orientação e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento e sucesso desta pesquisa.

Aos meus amados pais, Amauri e Edvania, manifesto minha gratidão pela orientação e suporte incondicionais ao longo da minha jornada acadêmica. Sem o amor e os ensinamentos deles, não estaria aqui hoje, celebrando este marco significativo.

À minha querida esposa, Vanessa, expresso minha profunda gratidão. Sua presença constante em todos os momentos, tanto nos triunfos quanto nas adversidades, é minha fonte de inspiração inesgotável. Suas palavras de encorajamento e apoio foram um pilar essencial para minha perseverança.

Por último, mas não menos importante, agradeço a Deus, cujo apoio e orientação foram a força motriz por trás de cada passo deste percurso. Sem Sua graça e providência, nada teria sido alcançado. A Ele, dedico todo o mérito deste trabalho.

Que esta pesquisa possa não apenas contribuir para o conhecimento acadêmico, mas também refletir a gratidão e respeito que tenho por aqueles que tornaram este feito possível. Que todos os envolvidos se sintam parte integrante deste sucesso.

RESUMO

Este trabalho realiza uma análise abrangente do isolamento político e da construção da memória historiográfica na Coreia do Norte, com foco nas ideologias nacionais do Juche e Songun. Utilizando uma metodologia baseada em pesquisa de arquivos online, foram examinados livros historiográficos originários da Coreia do Norte, além da análise do discurso ideológico de Kim Jong Il, centrado no principal tratado da Ideologia Juche, e documentos oficiais divulgados pelo estado norte-coreano. As principais conclusões destacam que o cerne das ideologias norte-coreanas é a busca pela independência, motivada pelo histórico de dominação e intervenções estrangeiras desde o século XIX até a primeira metade do século XX. Esse legado traumático na memória coletiva da região norte-coreana fundamenta a crença de que qualquer sacrifício é justificado em nome da independência, e que o isolamento político é a via que assegura essa autonomia.

Palavras-chave: Historiografia asiática, Regimes fechados, Coreia do Norte

ABSTRACT

This study conducts a comprehensive analysis of political isolation and the construction of historiographical memory in North Korea, with a specific focus on the national ideologies of Juche and Songun. Employing a methodology based on online archive research, historiographical books originating from North Korea were examined, along with an analysis of the ideological discourse of Kim Jong Il, centered on the primary treatise of the Juche Ideology, and official documents disseminated by the North Korean state. The key findings underscore that the core of North Korean ideologies revolves around the pursuit of independence, fueled by a history of foreign domination and interventions from the 19th century through the first half of the 20th century. This traumatic legacy in the collective memory of the North Korean region underpins the belief that any sacrifice is justified in the name of independence, and that political isolation is the path that ensures this autonomy.

Keywords: Asian historiography, Closed regimes, North Korea.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: HISTÓRIA DA COREIA	13
1.1. Do período Joseon ao Domínio japonês	13
1.2. A Resistência Coreana Contra os Japoneses (1910-1945)	23
CAPÍTULO 2: DIVISÃO, GUERRA E MEMÓRIA	26
2.1. A divisão da Coreia.....	26
2.2. A Guerra da Coreia (1950-1953)	33
2.3. A Memória norte-coreana do conflito.....	36
2.4. A importância de Sinchon	37
CAPÍTULO 3: JUCHE: O PENSAMENTO REITOR DA RPDC	49
3.1. O Que É O Juche?.....	49
3.2. Os Atributos Sociais do Homem.....	50
3.3. A Independência	51
3.4. A independência aplicada socialmente	52
3.5. O Espírito Criador	54
3.6. O Espírito Criador Aplicado na Sociedade.....	55
3.7. Consciência.....	55
3.8. Consciência Aplicada à Sociedade.....	56
3.9. A História Para O Juche.....	56
3.10. Songun: Mantendo A Independência a Qualquer Custo.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

A grade curricular do curso de história abrange diversas áreas dentro do estudo da história. Temos historiografia geral, onde aprendemos sobre importantes escolas historiográficas mundiais, temos disciplinas que nos fazem percorrer através dos períodos históricos: História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. E ainda, há também, disciplinas que pretendem focar na historiografia geograficamente definida: História da África, História do Brasil e das Américas.

Em minha formação senti falta do estudo algumas regiões do mundo, como o Pacífico e a Ásia, compreender a concepção histórica destes povos? Quais são os principais historiadores que os estudam?

Longe de lançar críticas às instituições, a reflexão que faço não se volta para estrutura de ensino, docentes ou grades específicas. O que busco salientar é que estudar a história da Ásia no Brasil é algo de poucas universidades, grupos de estudo são ainda poucos e são recentes¹. Hoje, em nosso país, a área que mais se detém ao estudo deste assunto é a de Relações Internacionais.

A historiografia é um complexo e gigantesco campo de estudos, a graduação nos permite estudar uma parcela de todo conhecimento construído por essa ciência que tem como base “a ação do homem no tempo” (BLOCH, 2001). Diante da profusão de campos estudamos o máximo que conseguimos no prazo de uma graduação, acabando por não incluir a Ásia em nossa grade devido a concepção de que ela não está diretamente ligada à nossa história, assim sendo, esta acaba por ser colocada de lado nas grades de ensino de nossos cursos de História.

Afinal de contas por que Estudar História da Ásia? Existem algumas razões que podem ser listadas: há razões básicas como o fato de que na Ásia há vestígios de civilizações que trouxeram importantes contribuições para a história mundial, há razões de caráter econômico e geopolítico, já que o eixo econômico mundial da atualidade está na Ásia, com a ascensão de países como Índia e China. Há, ainda, razões culturais já que a cultura como a coreana está muito presente no cotidiano das gerações atuais através do K-Drama e do K-Pop.

¹ Considero os resultados da minha pesquisa no banco de dados do CNPq otimistas, encontrei especificamente na área de história 7 grupos que abordam história da Ásia em suas linhas de pesquisa.

Há, também, a razão da convivência sociocultural, em um mundo onde a Ásia está cada vez mais presente, torna-se necessária compreensão de história e de cultura. Vejamos, por exemplo, o caso do Islã que é atualmente a religião que mais cresce no mundo de acordo com Pew Research Center², e mesmo assim, ainda há muitas barreiras e estereótipos sobre o mundo islâmico. Barreiras tais que decorrem da pequena e estereotipada compreensão que o Ocidente desenvolveu sobre as histórias, culturas das sociedades orientais e asiáticas.

A última razão que apresento é de que como historiadores temos o dever de mitigar o Orientalismo, esse conceito tem pautado a produção do conhecimento sobre a Ásia há séculos, e na maioria das vezes, nos faz reproduzir pressupostos estereotipados ou propagandísticos sobre a história, cultura e sociedade dessa região. Sendo também a Coreia do Norte, como país asiático, uma vítima das construções ocidentalizadas do conhecimento historiográfico. Esse conhecimento produzido pautando os interesses e marcos ocidentais construíram percepções históricas onde oriental é visto como exótico, um objeto de estudo a ser observado pelo “homem branco”. Assim, o ocidente se torna o “eu” de uma tradição de conhecimentos onde o “outro” – o Oriente – são inferiorizados. Pois, tendo seus costumes, histórias e culturas visto pelo parâmetro ocidental³, inferiorizou-se desta forma o oriente, tornando-o apenas um reflexo mal-acabado do Ocidente. E foi que foi legitimando-se a maior parte do que escrevemos ou dizemos sobre suas formas de governo ou críticas rasas às suas teorias e filosofias.

Pensando o conceito de Orientalismo a partir de Edward Said este se traduz em um conjunto de conhecimentos que nos definiu o que é o Oriente, todo esse material foi feito sob uma ótica de superioridade ocidental e inferioridade oriental: “o oriental é irracional, depravado, infantil, “diferente”; o europeu é racional, virtuoso, maduro, “normal” (SAID, 2003, p. 64)”, e foi a partir dessa concepção que foram escritos a maior parte do que lemos e entendemos sobre Ásia.

² Ver: <https://www.pewresearch.org/religion/2011/01/27/the-future-of-the-global-muslim-population/> último acesso em: 12/09/2023.

³ Há uma enorme semelhança com o que lemos em Orientalismo “Oriente e o oriental, tornam-se pseudo-encarnações repetitivas” (SAID, 2003, p. 90), onde autores ocidentais definem o que é produzido na Ásia como algo não sobre eles, mas sobre o europeu, onde no final das contas o que nasce no oriente é uma versão inferior ao que surgiu antes no ocidente.

Desta forma quando lemos os textos orientais tendemos a olhá-los como um objeto, algo de menor importância. Assim, a proposta deste trabalho é ir na contramão desta concepção, nossas escolhas metodológicas com corpo teórico construído por escritores ocidentais, ou seja, salientando a importância de nos voltar para a historiografia local do tema. Assim, no que tange a sua construção historiográfica acredito que a Ásia sofreu do mesmo problema que a África que teve sua história escrita por colonizadores e que só recentemente passou a contar com um corpo de historiadores não ocidentais.

Sabendo que a Coreia do Norte é um país politicamente fechado e levando em consideração que isso faz com que trabalhos como este se tornem mais difíceis dediquei um grande esforço para não apenas ler trabalhos ocidentais, todavia me direcionar para os autores norte-coreanos sobre o assunto. Autores tais como Kim Chol Man, Cho Man Sik, Kim Jong Il e Kim Il Sung, que enriquecem este trabalho ao trazer a visão coreana sobre a sua própria história e nos ajudando a entender a construção histórica e social daquele país.

Salientamos que nosso objetivo não é trazer juízos de valor sobre os trabalhos e escritos dos líderes. Destarte nos detemos aqui em mostrar o que eles dizem, e a partir disso entender a lógica que há no que acreditam e no que rege suas vidas. Assim, a partir disso, contribuir academicamente para o tema, mostrando uma Coreia do Norte, não pelo viés sensacionalista da questão, como comumente é abordado, mas sim uma Coreia do norte pelos norte-coreanos.

Por isso compreendemos que para conhecer a mentalidade norte-coreana, é preciso trilhar a sua história. Buscar as respostas apenas no socialismo pode ser um erro, pois no socialismo norte-coreano há nuances que são únicas, muito do que ele é, foi formado durante toda a experiência histórica da região, passando por seus períodos de autonomia e falta dela. Desta maneira, dedicaremos os dois primeiros capítulos a este aspecto. A contar a história da península da Coreia a partir do século XIX, quando começam os encontros com o ocidente, abordar a questão da autonomia e independência que é um fator central que ronda as ideologias na região Norte, e para tal entender as alterações entre a independência ou a falta dela é crucial.

Assim, no primeiro e segundo capítulo iremos nos centrar na história da Coreia e focar em um recorte de 121 anos entre 1832 e 1953, período responsável pela formação do que conhecemos hoje como Coreia do Sul e do

Norte. No primeiro capítulo o recorte será entre 1832 e 1945, período que vai desde os últimos momentos da Dinastia Joseon até o fim do domínio japonês que se encerra com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Já no segundo capítulo iremos trabalhar com o período entre 1945 até 1953, que mesmo sendo um período relativamente curto foi nesta janela de 8 anos em que há uma outra forma de dominação estrangeira, no contexto da Guerra Fria; a divisão da península em dois países e a Guerra da Coreia, é crucial entender como esta divisão se deu. Neste capítulo trabalharei também com a memória da Guerra da Coreia no Norte, por isso o seu título “Divisão, Guerra e Memória”, onde sua última parte é dedicada a mostrar de que forma este conflito foi memorizado e a utilidade e importância que o regime do Norte dá para esta questão. Também trabalharemos com a história do museu de Sinchon é a melhor materialização que temos de como a Guerra da Coreia é entendida para o lado Norte da península, o museu é de extrema importância já que ele aparece inclusive nas biografias de Kim Il Sung e Kim Jong Il.

Neste trabalho procuramos entender o isolamento que ocorre ao norte do paralelo 38, contudo levamos em consideração que estudar a história da Coreia de forma mais aprofundada como um historiador de língua portuguesa foi uma tarefa árdua. Sabendo, pois, que há pouquíssimos trabalhos lusófonos sobre o tema, e os que tem em sua maioria não contemplam responder questionamentos como esses, mas apenas relatar os fatos ocorridos, podemos dizer que a maioria dos materiais são como os dois primeiros capítulos deste trabalho.

Para conseguir estudar o regime da República Popular Democrática da Coreia, foi necessária uma pesquisa profunda, começando com sites e blogs de simpatizantes da ideologia fundada por Kim Il Sung aqui no Brasil como o Centro de Estudos do Juche (CEIJ) e em selos como a “Nova Cultura” que é parte da União Reconstrução Comunista, desde já deixo aqui agradecimentos a esses estudiosos pioneiros, aqui no Brasil, que procuram divulgar ideias diferenciadas no meio socialista.

A pesquisa começou com os materiais produzidos por esses movimentos e após um aprofundamento consegui encontrar um site onde há publicações da RPDC em inglês, a partir daí foi encontrado milhares de textos disponíveis para serem lidos e pesquisados, no site Korean Books⁴, onde há desde trabalhos acadêmicos até relatórios econômicos, panfletos, revistas e, muitos outros, materiais disponíveis gratuitamente.

⁴ <http://www.korean-books.com.kp/en/>

No entanto, para que possamos entender o isolamento da RPDC, é necessário conhecer a visão de mundo que rege o Estado, e é a isso que é dedicado o capítulo 3, nesta parte do trabalho pretende-se entender o que é o socialismo norte-coreano, as ideologias que regem a Coreia do Norte são especificamente duas, que se chamam Juche e Songun. Juche é a ideologia guia, basicamente é uma filosofia sobre o homem e seu lugar no mundo, foi criada por Kim Il Sung e aprimorada por Kim Jong Il.

O conceito de Juche é pouco lido diretamente, lemos muitos autores ocidentais que falam sobre ele, mas raramente lemos os autores diretamente, neste capítulo vamos direto a fonte, entenderemos como o Juche enxerga a história da Coreia e como sua aplicação molda a Coreia que vemos. Songun é uma outra ideia de extrema importância para o estado, enquanto Juche é uma visão de mundo, Songun é uma visão de administração estatal, todo estado de constante alerta e posicionamento belicoso que vemos na mídia, é fruto Songun, podemos dizer após a leitura que esta ideologia é o que mantém o regime de pé.

Em suma, este trabalho busca uma contribuição no que escrevemos sobre Ásia, ao explorar a Coreia do Norte através da perspectiva norte-coreana, rompendo com estereótipos e oferecendo uma visão mais autêntica e contextualizada. A análise se desdobra em três capítulos, cada um abordando aspectos cruciais para a compreensão do regime e da sociedade norte-coreana. O primeiro capítulo mergulha na história da península coreana, desde os últimos anos da Dinastia Joseon até o fim da ocupação japonesa após a Segunda Guerra Mundial.

No segundo capítulo, a atenção se volta para o período entre 1945 e 1953, marcado pela divisão da península e a Guerra da Coreia, examinando também a memória desse conflito no Norte. O terceiro capítulo se dedica a desvendar as ideologias que fundamentam o Estado norte-coreano: o Juche e o Songun. Ao compreender essas visões de mundo e de administração estatal, somos capazes de penetrar mais profundamente no isolamento que define a RPDC.

Este estudo se apoia em uma pesquisa rigorosa, acessando não apenas fontes ocidentais, mas também materiais provenientes da própria Coreia do Norte, oferecendo assim uma visão mais autêntica e ampla desse regime complexo. Ao final, almeja-se não apenas expandir o conhecimento sobre a Coreia do Norte, mas também contribuir para futuras investigações sobre o tema, desafiando narrativas sensacionalistas em prol de uma compreensão mais completa e contextualizada.

Perspectivas em Pesquisa Sobre História da Ásia – Uma visão historiográfica:

Quando planejei este trabalho fiz uma extensa pesquisa sobre trabalhos brasileiros que me ajudasse a compreender a Coreia em uma perspectiva histórica, pesquisei em diversos sites acadêmicos como Scielo, Google acadêmico, Biblioteca de Teses e Dissertações da Capes. De fato, fiquei impressionado por não haver muitos trabalhos que falem sobre Coreia de alguma forma, e mais ainda ao perceber que não havia trabalhos abordando a história da Coreia. Havia muitos trabalhos na área da saúde, economia e em alguns casos em ciência política, mas no Scielo não encontrei trabalho algum que tivesse o propósito deste aqui, explicar a política em uma perspectiva histórica. Assim, ao pesquisar na Biblioteca de Teses e Dissertações da Capes o termo “Coreia”, encontrei doze trabalhos, dos quais ou eram de Ciência Política, ou eram de Relações Internacionais, nenhum deles era de História.

Há também uma grande dificuldade em estudantes encontrarem alguma forma acadêmica para se ajudarem em pesquisas sobre Ásia. Ao pesquisar sobre grupos de pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa No Brasil da Lattes, encontrei dois Grupos de pesquisa na área de História, são os grupos “(LEOA)” e o “Azimute: laboratório de estudos orientais” desses dois apenas um tem um site funcional onde podemos encontrar contribuições acadêmicas, o Grupo LEOA, é da UNIFESP e o Azimute é da UFRJ. No site do Grupo LEOA só consegui encontrar um único trabalho sobre a península Coreana uma Dissertação com o título “Nacionalismo e Identidade Nacional da Coreia do Sul: Análise do Filme 'Piagol' (1955)” escrito pela autora Camila Regina de Oliveira. Podemos concluir também que mesmo existindo grupos de pesquisa funcionais, ainda temos muito a caminhar sobre história da península coreana.

Quando vamos procurar livros as obras em português são ainda mais escassas, há muitas obras que abordam a Coreia do Norte de forma Jornalística ou Biográfica, como história de imigrantes e pessoas que escaparam do regime da RPDC. Mas livros em português abordando história da Coreia só encontrei dois, de Paulo Visentini (et all) “A Revolução Coreana: O desconhecido Socialismo Zuche.” Um pequeno livro da Editora Unesp, que pretende contar especificamente a história da Revolução ocorrida

no Norte e faz um bom panorama sobre toda a história da Coreia, de maneira introdutória, e usa uma boa quantidade de obras da própria RPDC. Já o Segundo Livro encontrado que aborda uma perspectiva histórica da Coreia, mas desta vez com mais detalhes, é o livro “A montanha e o urso: Uma história da Coreia” do autor Emiliano Unzer de Macedo. Enquanto o livro de Visentini aborda de uma forma geral e introdutória este pretende destrinchar a história da Coreia desde seus mitos fundadores até o fim do século XX de uma forma narrativa e bem embasada, considero um ótimo livro para se aprofundar em detalhes nos na história da Coreia.

Sobre livros de autores coreanos como Kim Il Sung, Kim Jong Il e Kim Jong-Un em português não há obra que seja traduzida de forma bem financiada e de distribuição extensa. Para traduções de obras deste tipo o pesquisador encontrará apenas em coletivos de simpatizantes, em livro físico encontrará com o selo Edições Nova Cultura, que são parte da União da Reconstrução Socialista que divulga obras socialista de países periféricos, ou poderá encontrar em formatos digitais em sites como o Centro de Estudos do Juche.

Mesmo encontrando bons livros os estudiosos brasileiros que quiserem se aprofundar irão bater na barreira linguística em algum momento, pois ao querer se aprofundar só irão encontrar obras em línguas estrangeiras como inglês ou espanhol, para encontrar essas publicações eu tive que percorrer um caminho extenso de pesquisa pulando de sites em sites até encontrar o Publications of the DPRK (korean-books.com.kp), é um site do próprio governo norte-coreano que é constantemente atualizado com publicações de revistas informativas do regime até livros e trabalhos acadêmicos sobre história e cultura da RPDC, o site é essencial e simplesmente indispensável ao se pesquisar Coreia do Norte. Podemos concluir que mesmo encontrando bons trabalhos em português, para estudiosos nortes coreanos em língua portuguesa há muito por fazer, pois aqui no Brasil a Ásia é pouco explorada quando falamos em história.

1. HISTÓRIA DA COREIA

1.1. Do período Joseon ao domínio japonês:

Os coreanos têm suas origens no antigo reino de Koguryo, cujo território se estendia desde Vladivostok, atualmente na Rússia, até a área ao sul de Seul. Eles foram fortemente influenciados pela China, adotando elementos como militarismo, sistema de governo e o budismo.

A estrutura de governo coreana antes das interferências estrangeiras nasce na Idade Média com a Dinastia Joseon, também conhecida como Joseon (1392-1910), que se tornou a mais bem-sucedida e duradoura na península coreana. A dinastia Joseon perdurou até a anexação japonesa em 1910.

A Coreia em boa parte de seu período Joseon gozava de autonomia e de grandes aliados, esse estilo de política internacional vem da tese confuciana de buscar aliança com o maior país e o mais desenvolvido. Com esta diretriz a Dinastia Joseon se aliou a China da Dinastia Ming. Sobre esta postura Visentini afirma:

Além disso, as doutrinas confucianas não se limitaram aos assuntos internos da Coreia e inspiram também a sua política externa com o conceito de “seguir o grande”, isto é, buscar aliança com o país maior e mais desenvolvido – outra concepção que ainda pode ser verificada no comportamento atual da política externa norte-coreana, mesmo que de forma adaptada à realidade contemporânea. Amparada nesse conceito neoconfuciano, a dinastia Chonson aliou-se à poderosa dinastia Ming, tornando-se Estado tributário da China, e vivendo dentro de sua ordem regional. (VISENTINI, PEREIRA, & MELCHIONNA, 2015, p. 23)

Mesmo neste contexto a Coreia preservava sua autonomia, não havia uma exploração econômica, os tributos se tinham uma função de manter a relação viva e cordial entre aliados. Mesmo com maior força, os chineses não faziam interferências na política interna da Coreia. Mesmo havendo uma hierarquia devido as suas diferenças de tamanho e poderio militar. Bruce Cumings (2005, p. 98), ao discorrer sobre o tema, descreve essa relação como “hierarquia inconsequente e independência real se não independência”, a hierarquia é existente principalmente porque os chineses se entendiam como superiores nessa relação.

Mesmo em seu período mais próspero a península coreana foi uma “lançante entre gigantes”, ao norte e noroeste, Rússia e China, a sudeste o Japão, tornando a península um ponto estratégico. A ideia de ponto estratégico é reforçada por autores

norte-coreanos, como Kim Chol Man que em seu texto “Origin of the Korea Question” faz as seguintes afirmações ao falar sobre o interesse dos Estados Unidos na Coreia:

Os EUA estavam de olho na Coreia por causa da importância de sua posição estratégica. A Coreia, rica em recursos naturais, faz fronteira com a China e a Rússia e fica perto do Japão. Está ligado a estradas terrestres e marítimas para qualquer lugar do continente asiático e do Pacífico (MAN, 2018, p. 2, tradução nossa.)⁵.

O mapa abaixo nos mostra que a península pode tanto ser um acesso ao território rico em minérios da Manchúria para os Japoneses como pode ser para os chineses um domínio maior para o mar amarelo. E é uma das razões dos chineses sempre manterem as lideranças coreanas aliadas e por perto, e para os russos poderia ser muito bem uma forma de expandir seu império e ter pontos estratégicos no pacífico, melhorando a sua concorrência com os britânicos e norte-americanos e encurralando mais ainda o Japão, seu potencial rival.

Mapa 1 - A península coreana e seu entorno.



Fonte: mapcharts.com (2022),

Com a tendência internacional de expansão de mercados e domínio imperialista, era só uma questão de tempo até as potências ocidentais chegarem até a Coreia. O primeiro contato com ocidentais foi registrado em 1832 de acordo com Emiliano Unzer:

Um dos primeiros contatos registrados de ocidentais se deu por acidente de um navio mercante britânico, em 1832, cuja tripulação chegou a desembarcar na costa ocidental coreana e chegou a ser

⁵ No original: The US had an eye on Korea because of the importance of its strategic position. Korea, rich in natural resources, borders China and Russia and is close to Japan. It is connected by land and sea roads to anywhere in the Asian continent and the Pacific.

hospedada e mandada de volta às embarcações quando reparados os danos. (MACEDO, 2018.)

Como na época a Coreia era um estado tributário dos chineses, eles “remetiam seus contatos estrangeiros para Pequim” (MACEDO, 2018.), então, baseando-se no relato que vemos acima o que ocorre no lado dos coreanos é que o contato externo não era algo desejado, na verdade deveria inclusive ser evitado. Mas não de forma violenta a princípio, a partir de então, sempre que algum contato ocorria, ele era evitado, mas era só uma questão de tempo até que esses contatos se tornassem mais frequentes e inevitáveis.

Um outro encontro com ocidentais ocorre em 1866 quando um navio norte-americano aporta na península buscando uma abertura mercantil, desta vez o encontro se torna hostil, algo que se tornará frequente:

Em agosto de 1866, um navio mercante americano fortemente armado com uma tripulação de americanos, malaios, britânicos e chineses entrou em águas coreanas e navegou pelo rio Taedong até P'yongyang (Pyongyang) buscando abrir o comércio. Ignorando as ordens para sair, a tripulação disparou contra uma multidão hostil e incendiou barcos próximos. Alguns dias depois, quando o navio foi pego em uma maré vazante, o governador local, o distinto estudioso Pak Kyusu, ordenou que fosse destruído. O General Sherman foi queimado e sua tripulação morta. Embora pouco conhecido pelos americanos, o incidente do general Sherman seria mais tarde celebrado na Coreia do Norte como o início da resistência do povo coreano ao imperialismo americano. (SETH, 2010, pp. 11, tradução nossa.)⁶

A Coreia desde o ocorrido passou por tratados que violaram sua soberania, o tratado que definiu esta relação desigual com os Estados Unidos foi o Tratado de Amizade e Comércio⁷ assinado em 1882, a maior parte destes tratados feitos no

⁶ No original: In August 1866, a heavily armed American merchant ship with a crew of Americans, Malays, British and Chinese entered Korean waters and sailed down the Taedong River to P'yongyang (Pyongyang) seeking to open up trade. Ignoring orders to leave, the crew fired into a hostile crowd and set nearby boats on fire. A few days later, when the ship was caught in an ebbing tide, the local governor, the distinguished scholar Pak Kyusu, ordered it destroyed. General Sherman was burned, and her crew killed. Though little known to Americans, the General Sherman incident would later be celebrated in North Korea as the beginning of the Korean people's resistance to American imperialism.

⁷ Para maiores informações sobre este assunto, consultar: MAN, Kim Chol. Origin of the Korea Question. Pyongyang: Foreign Language Publishing House, 2018.

período eram feitos de uma forma que a potência ocidental⁸ se saísse de forma superior.

Neste tratado continham artigos que estabeleciam os termos de como funcionariam as relações internacionais EUA-Coreia como por exemplo no artigo 4 que dava aos norte-americanos extraterritorialidade nos portos e em algumas regiões estratégicas e no artigo 14 que dava aos Estados Unidos o status de “nação mais favorecida” (MAN, 2018, p. 13) obrigando a Coreia a tratar os EUA sempre como o país nº 1 em relação ao comércio exterior.

Nove anos depois, em agosto de 1875, um navio de guerra japonês chamado Unyo invadiu a Baía da Ilha de Kanghwa chegando até mesmo a bombardeá-la matando 600 pessoas. Cerca de 7 meses depois, os japoneses voltam e exigem um pedido de desculpas da Coreia por sua reação à invasão, a situação termina com a assinatura do tratado de Kanghwa. Hyon, ainda nos afirma que após a assinatura do Tratado de Kanghwa⁹ a Coreia foi reduzida a um país dependente semicolonial.

Após estes fatos começa uma disputa de poder entre potências asiáticas pela Coreia, houve a guerra sino-japonesa (1894-1895), a Coreia estava em uma situação que não poderia opinar ou nem era vista como igual entre seus vizinhos, apenas teria que aceitar a dominação do vencedor da guerra por seu território. China e Japão disputam pelo território Coreano, e a Coreia virou um campo de batalha para as duas potências vizinhas, neste caso podemos notar como a autonomia da Coreia foi ignorada, mesmo ainda existindo um governo, ele foi ignorado para que tanto a China como o Japão disputassem por seu território.

Para se ter uma percepção de como sua soberania foi não só violada, mas insultada o Japão impôs um acordo intitulado de “aliança de ataque e defesa” onde a Coreia iria pagar os gastos militares e fornecer materiais para o Japão durante a guerra (HYON, 1999, p. 23). Hyon (1999), cita diversas situações em que a população Coreana foi pilhada pelo exército japonês, em recursos tanto alimentícios como em

⁸ Nem sempre a potência era ocidental, houveram tratados no mesmo tipo impostos pelo Japão.

⁹ HYON, R. J. (1999). Japan War Crimes: Past and Present. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House. p. 10-11. O autor faz questão de usar aspas ao utilizar o termo tratado, pois sendo um professor norte-coreano em sua perspectiva os tratados feitos neste período entre Coreia e o Japão são ilegais, pois foram assinados por meio de coerção e ameaça, para exemplificar o autor cita em seu texto circunstâncias que confirmam sua tese, no momento da assinatura do tratado, tropas japonesas cercavam o lugar onde o tratado estava sendo assinado.

recursos humanos. Tudo isso usando como pretexto manter a “independência coreana”, sendo que documentos do período e discursos de pessoas do governo japonês mostravam a intenção japonesa de dominar a Coreia e a China (HYON, 1999, p. 21).

A guerra durou cerca de um ano e encerrou-se em 1895 com a vitória dos japoneses, agora com a Coreia parcialmente destruída pela guerra e saqueada pelos japoneses, estava vulnerável ao ponto de facilmente ser dominada. Agora como “única potência asiática no território os japoneses forçaram a abertura dos portos coreanos expandindo as exportações de arroz para o Japão”.¹⁰

Ainda ocorre mais um conflito de disputa pela península Coreana, japoneses e russos se enfrentam entre 1902 e 1903, é mais um conflito aos moldes do anterior, duas potências disputando o controle sobre um território ignorando sua autonomia o seu governo estabelecido.¹¹

Após a vitória na guerra russo-japonesa, os japoneses continuaram com o exército ocupando a península com cerca de 100 mil tropas (HYON, 1999, p. 44) nesse período os japoneses já controlavam os interesses internacionais do reino da Coreia (HYON, 1999, p. 44). Todas essas intromissões se agravaram mais ainda com a assinatura do tratado Japão-Coreia¹² assinada 10 anos depois em novembro de 1905, onde era autorizado ao império japonês instaurar um governo geral (HYON, 1999, p. 56), tendo desta forma um poder muito maior, tornando a Coreia um protetorado.

¹⁰ VISENTINI, P. G., PEREIRA, A. D., & MELCHIONNA, H. H. (2015), p. 24. A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo zuche. São Paulo: Editora da UNESP. Os Estados Unidos forçaram o Japão a abrir seus portos ao comércio e conceder privilégios extraterritoriais aos cidadãos americanos com os Tratados Desiguais. O Japão, por sua vez, impôs tratados semelhantes à Coreia à exemplo do Tratado de Kanghwa que reduziram a independência da Coreia e permitiram a intervenção japonesa em seus assuntos internos. Esses tratados mostram a semelhança entre os métodos usados pelas potências ocidentais e pelo Japão para exercer o imperialismo na Ásia.

¹¹ A vitória do Japão na Guerra Sino-Japonesa trouxe projeção e apoio das potências imperialistas ocidentais, os britânicos reconheceram os interesses de expansão japonesa no leste asiático e fizeram um acordo marítimo. Isso beneficiou o Japão na guerra imperialista seguinte. A guerra russo-japonesa foi uma disputa pela península coreana e pela Manchúria ocorrida entre 1903 e 1904 vencendo com a ajuda britânica bloqueando a frota russa no Canal de Suez (MACEDO, 2018). O Japão recebeu reconhecimento dos Estados Unidos pelo domínio sobre a península coreana, tanto que presidente Theodore Roosevelt de acordo com Macedo, recebendo um pedido do próprio Rei Gojong, nada fez para ajudar a Coreia, dando legitimidade internacional ao domínio japonês.

¹² O Tratado Japão-Coreia de 1905, também conhecido como o Tratado de Eulsa ou Tratado de Protetorado Japão-Coreia, foi assinado entre o Império do Japão e o Reino Coreano em 1905. As negociações foram concluídas em 17 de novembro de 1905. O tratado estabeleceu um protetorado japonês sobre a Coreia e permitiu que o Japão controlasse a política externa coreana.

Através de diversas fontes tanto japonesas quanto coreanas há muitas contestações sobre a legitimidade dos tratados feitos entre a Coreia e o Japão no período pós-guerra Russo-Japonesa, no livro “Japan War Crimes” escrito por Ri Jong Hyon, é defendida a ideia de que o tratado é nulo, pois foi “assinado a força, devido as pressões feitas ao rei, e as tropas que ocuparam Seul” (HYON, 1999, p. 47). Assim, o fato de que o tratado não foi assinado pessoalmente entre os dois soberanos, mas sim “de forma ilegítima entre seus ministros com os japoneses usando de ameaças, tanto ao Rei Gojong tanto aos seus ministros”.¹³

Após tantos tratados que minaram a autonomia e independência coreana, o domínio japonês de fato consolida-se com a assinatura do tratado Japão-Coreia¹⁴ em 1910, tratado que faz a anexação da Coreia ao Japão, tornando a península parte do império oficialmente¹⁵. Pode-se definir três crimes principais, cometidos pelo Japão durante sua ocupação na Coreia, são eles, as mulheres de conforto, o alistamento forçado de coreanos e a assimilação cultural forçada, todos esses crimes além de violarem os corpos da população violaram sua identidade como povo independente.

Ao estudar períodos de guerra percebe-se que as principais vítimas são a população civil, e isso se agrava se os civis forem mulheres e crianças. Os Japoneses levaram numerosas mulheres à força para servirem sexualmente ao exército japonês durante a sua empreitada imperialista, eles chamavam este sistema de “mulheres de conforto” ou “corpo de voluntários” (HYON, 1999, p. 150). O cerco japonês aos coreanos A afirmação de que havia um cerco é legitimada pois o Rei Gojong envia telegramas aos governos russo e francês avisando que estavam sob cerco (HYON, 1999, p. 45). Nos mesmos telegramas o Rei afirma que:

[...] não tinha nada a ver com o tratado internacional e os tratados de concessão celebrados entre o Japão e a Coreia após a eclosão da Guerra Russo-Japonesa.” (Diplomatic Documents of Japan, Vol. 38,

¹³ HYON, R. J. (1999). Japan War Crimes: Past and Present. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House. p. 55. Essa versão é corroborada por diversos documentos japoneses.

¹⁴ HYON, R. J. (1999). Japan War Crimes: Past and Present. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House. Tratado esse que ocorreu com protestos do Rei Gojong e sem sua assinatura.

¹⁵ MYERS, B. (2010). The Cleanest Race. New York: Melville House Publishing. Um autor ocidental chamado B. R. Myers, escreveu seu livro, que os japoneses enxergavam a Coreia não como uma colônia inferior, mas como parte de seu território mesmo, era como se a Coreia fosse mais uma província onde os japoneses poderiam integrá-los ao seu país e tornar os coreanos súditos japoneses. Esta tese confronta o fato de que os cidadãos coreanos durante a ocupação não foram tratados da mesma forma que os japoneses, já que lhes foi imposta uma assimilação cultural forçada, como será tratado mais adiante.

Part 1, Japanese ed., p. 661.) apud (HYON, 1999, p. 45, tradução nossa)¹⁶.

Segundo Hyon (1999) a razão da existência deste sistema foi porque os soldados devido às viagens e a distância de suas esposas estavam causando muitos problemas como estupros em zonas ocupadas tudo isso faziam com que doenças venéreas se espalhassem entre as tropas. Para remediar a situação o exército japonês teve a ideia de criar bordéis em bases, e próximos aos soldados em zonas ocupadas, esses bordéis seriam controlados pelo exército e gerenciados por eles, onde existiria um controle de com quem os soldados teriam relações evitando doenças nas tropas e aumentando o moral delas.

As mulheres eram consideradas como “suprimento militar”, e a partir da década de 1930 os comandantes institucionalizaram o uso das “mulheres de conforto”, elas eram enviadas de todas as zonas de ocupação do império, eram recrutadas com a alegação de que os japoneses ofereceriam empregos as mulheres, no fim eles as tiravam de seus lugares de origem e depois as enviava para os bordéis nas bases, de acordo com o regulamento:

O ajudante do comandante de uma determinada unidade supervisionará os negócios dos clubes; um médico do exército se encarregará de suas condições sanitárias; um oficial encarregado da logística será responsável pelo trabalho de serviço de abastecimento para os clubes. (Nakayama Garrison, Regulations File, 1944, apud. HYON 1999, p. 149, tradução nossa)¹⁷

Com todos esses cuidados os soldados poderiam ter relações com essas mulheres sem se preocupar com infecções ou doenças, já que como havia médicos nos bordéis a saúde dos soldados estava assegurada.

A idade das mulheres recrutadas estava na faixa dos 12 aos 20 anos, não importando se já eram mães ou estudantes, Hyon destaca relatos muito importantes para entendermos como esse sistema funcionava. O relato abaixo é do recrutador japonês Yoshida Sheiji. Ele conta a um jornalista japonês que o Comando do exército

¹⁶ No original: [...] had nothing to do with the international treaty and concession treaties entered into between Japan and Korea after the outbreak of the Russo-Japanese War.”

¹⁷ No original: The adjutant to the commander of a given unit will oversee club business; an army doctor will take care of your health conditions; an officer in charge of logistics will be responsible for the supply service work for the clubs.

enviava as requisições às administrações das cidades ocupadas para eles atenderem as demandas por mulheres de conforto, Hyon citando diretamente o relato de Sheiji:

Ao chegar a uma aldeia, tiramos todas as jovens e as reunimos na estrada. Se uma garota fugia, nós a espancamos com a espada de madeira. Em seguida, carregamos todos em um caminhão. Batíamos no chão com mulheres jovens que gritavam e, se seus bebês as seguiam chorando, nós as pegávamos e as atirávamos para longe. [...] A aldeia inteira seria transformada em ruínas. Em seguida, colocamos as mulheres em trens de carga como pacotes e as enviamos para o Comando do Exército Ocidental. (HYON, 1999, pp. 150, tradução nossa)¹⁸

Como citado anteriormente as mulheres que eram levadas para estes bordéis eram consideradas “suprimento militar” por isso da mesma forma que elas eram requisitadas também poderiam ser descartáveis, e usadas de diversas maneiras cruéis. Hyon cita uma mulher sobrevivente que relatou o que aconteceu com as mulheres de conforto de um bordel em Xangai quando uma doença se espalhou entre alguns bordéis: “os japas atearam fogo neles (bordéis), de modo que as mulheres doentes foram queimadas até a morte, (HYON, 1999, p. 152)”. Nesse contexto, as mulheres também eram o foco da raiva dos japoneses quando eles estavam perdendo a guerra:

Soldados cruéis que foram derrotados na batalha de Cingapura atiraram em 'mulheres de conforto' aleatoriamente para dar vazão à sua raiva, jogaram-nas em um buraco e atiraram granadas de mão contra elas. (HYON, 1999, p. 152)

De acordo com Hyon cerca de 200.000 coreanas serviram como mulheres de conforto para o exército japonês (HYON, 1999, p. 151), existem muitos outros relatos que dão conta de diversos crimes cometidos pelos japoneses contra mulheres coreanas¹⁹.

¹⁸ No original: Upon reaching a village, we took out all the young women and gathered them on the road. If a girl ran away, we beat her with the wooden sword. Then we load them all onto a truck. We would hit the ground with screaming young women, and if their babies followed them crying, we would pick them up and throw them away. [...] The whole village would be turned into ruins. Then we put the women on freight trains like packages and sent them to Western Army Command.

¹⁹ Não apenas o território e a independência coreana foram violados durante a ocupação japonesa, mas também corpos femininos foram duramente violados durante esta fase. Toda a modernização que foi introduzida na Coreia no início do século XX foi sob ocupação japonesa, um período em que a abertura trouxe sofrimento e derramamento de sangue como consequência, e não só mulheres foram obrigadas a servir como “conforto” aos japoneses, mas também muitos cidadãos homens foram forçados a morrer em batalha por seus algozes.

Hyon estima em seu livro que cerca de 8,4 milhões²⁰ de coreanos trabalharam de forma forçada para os japoneses, o Japão não é um enorme país e a sua expansão demandava muita mão-de-obra. Devido às perdas durante a guerra o Japão promulgou algumas leis para convocar coreanos para servirem na guerra²¹.

Myers em seu livro “The Cleanest Race” afirma que o Japão durante seu domínio após 1919 tentou cooptar os coreanos em sua propaganda dizendo que os coreanos e os japoneses compartilhavam o mesmo ancestral, vendo o Japão e a Coreia como “Um só corpo” (MYERS, 2010) Ou seja, para os japoneses a Coreia seria parte do território do Japão, por isso a promulgação de leis no caso coreano, coisa que não ocorre em outros territórios dominados.

Os coreanos eram recrutados e levados para o Japão e de lá eram levados para trabalhar em diversos setores, como a construção civil e em minas, Hyon ao citar Mizuda Naohiro, diretor do Escritório Financeiro do Governo-Geral da Coreia afirma:

O pior foi roubar seres humanos. O Japão precisava de mineiros de carvão. Ela extraiu dezenas de milhões de toneladas de carvão, 60% do qual foi feito por coreanos que foram recrutados. Projetos como a construção de portos e portos navais na Polinésia também foram construídos por trabalho forçado coreano. Notícias sobre o paradeiro dos trabalhadores forçados, ou mesmo sobre se eles estavam vivos ou mortos, não eram enviadas às suas famílias para manter os projetos em segredo. Eles foram vítimas da guerra²².

²⁰ HYON, R. J. (1999). Japan War Crimes: Past and Present. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House p. 155. É interessante destacar que há historiadores que mostram números contrários ao Hyon, 1999, Macedo em seu livro A Montanha e o Urso, 2018, cita os seguintes números; para o exército e a marinha teriam sido recrutados 207 mil pessoas, já o número de mulheres de conforto acaba convergindo com o número citado pelo historiador norte-coreano, cerca de 200 mil.

As autoridades japonesas em 1939 tinham uma carência de cerca de 1,1 milhão de pessoas, e a demanda foi aumentando até alcançar o patamar de 7,9 milhões pouco antes da derrota na guerra (HYON 1999, p. 156).

²¹ Leis como a “Lei de mobilização Nacional” de 1938, a “Lei de Redação do Serviço Pessoal” de 1939, “Lei de Controle de Trabalho” em 1941 e por último utilizaram uma decisão do gabinete chamada de “Política sobre o uso de trabalhadores da península coreana”.

²² Material retirado da fonte: Materials Concerning the Modern History of Korea, Selected Major Documents Concerning the Government-General of Korea, Vol. 3, p. 25. Apud. HYON, R. J. (1999). Japan War Crimes: Past and Present. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House. p. 157, tradução nossa. No original: Upon reaching a village, we took out all the young women and gathered them on the road. If a girl ran away, we beat her with the wooden sword. Then we load them all onto a truck. We would hit the ground with screaming young women, and if their babies followed them crying, we would pick them up and throw them away. [...] The whole village would be turned into ruins. Then we put the women on freight trains like packages and sent them to Western Army Command.

No recrutamento os japoneses mentiam para os trabalhadores, eles diziam que o trabalho seria temporário e seriam pagos por ele, como também parte de seus ganhos seriam enviados para as suas famílias que ficaram em casa. Hyon traz relatos de pessoas obrigadas a servir que não receberam nada por isso.

Assim como também esses coreanos obrigados a trabalhar em serviços pesados que não eram ordenados a japoneses, eram tratados de forma diferenciada, sendo inferiores. Citando Hyon mais uma vez “Os japoneses trataram os coreanos em tempo de guerra como bens de consumo, não como força de trabalho”, o autor nos deixa claro essa ideia ao mostrar tanto o tratamento com as mulheres de conforto como neste caso, onde os coreanos eram vítimas das mais diversas torturas²³, e era nas mãos dos japoneses que estava a decisão da vida ou da morte dessas pessoas.

Uma outra questão de destaque da colonização japonesa foi a assimilação cultural imposta pelos japoneses, a partir dos avanços dos japoneses na china, era preciso não só levar pessoas para a guerra. Mas formar um espírito de luta nos coreanos que legitimasse sua luta ao lado dos japoneses.

Uma estratégia era culturalmente anexar a coreia, a península territorialmente já era parte do Japão, mas a cultura e os costumes ainda os dividia. Por isso o governador geral Minami Jiro que comandou a Coreia a partir de 1936, começou a implementar um plano de tornar o Japão e a Coreia “num só corpo”, ou seja, a Coreia iria se tornar japonesa.

Com isso as medidas modificaram desde as vestimentas²⁴, até a linguagem quando em março de 1938 foi decretado que a única língua ensinada nas escolas coreanas seria a língua japonesa, e os estudantes deviam falar a mesma língua em casa, os jornais coreanos foram fechados e substituídos por jornais em língua japonesa, e em 1939 todos os coreanos deveriam trocar seus nomes por nomes japoneses.

²³ HYON, R. J. (1999). Japan War Crimes: Past and Present. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House. p. 162. Hyon cita atestados médicos de uma mina de carvão na ilha de Hashima em Nagasaki, no Japão, a causa da morte de uma parte considerável dos trabalhadores eram por causas como “ruptura dos intestinos” ou “concussão cerebral” (HYON 1999, 163) o que indica que muitas pessoas morreram sob violência de capatazes, os dados indicam que cerca de 60.000 coreanos morreram em minas japonesas durante a Segunda Guerra.

²⁴ As mulheres não podiam usar vestidos tradicionais coreanos, e sim usar calças marrons que os japoneses usavam, modificou os uniformes das escolas coreanas deixando -os iguais aos japoneses.

1.2. A Resistência Coreana Contra os Japoneses (1910-1945):

O período de domínio japonês não passou sem resistência da parte do povo coreano, não houve um enorme movimento unificado de resistência a eles, os coreanos resistiram de forma heterogênea, ocupando frentes diversas.

Um movimento de destaque ocorreu em 1908 quando um movimento chamado *Uibyeong* tentou lutar contra a ocupação ainda no começo dela, os japoneses responderam matando 11 mil pessoas, outros movimentos surgiram a seguir tanto dentro da península quanto fora dela. Movimentos internos lutavam diretamente contra os japoneses enquanto os que estavam no exterior buscavam a legitimidade internacional e o financiamento para uma futura libertação. Um exemplo de movimento externo foi criado no ano seguinte por um coreano residente nos Estados Unidos, o movimento se chamava *Shinminhoe*, os movimentos não tinham apoio externo e por esse motivo não vingaram e foram duramente perseguidas pelo *Kenpeita*, como era Polícia política dos japoneses que tinha a função de calar a oposição ao imperador.²⁵

A oposição coreana ao domínio japonês também partiu de meios religiosos²⁶, no dia 1º de março de 1919 houve uma grande concentração em Seul, estavam presentes 33 líderes religiosos dos quais 16 eram cristãos, 15 eram do Cheondoísmo e dois eram budistas. Neste evento foi lida a Declaração de Independência da Coreia, escrita por um poeta coreano chamado Yi Kwangsu (MACEDO, 2018.), este documento até hoje é referência para nacionalistas coreanos.

O resultado deste movimento de março foi a formação de um governo provisório²⁷, os líderes do movimento se exilaram e devido ao apoio do Kuomintang ficaram

²⁵ Os movimentos não vingaram por também existir na coreia uma elite pró japonesa, tanto que o imperador Sunjong, filho de Gojong recebeu diversas petições para que a Coreia se deixasse ser anexada ao Japão, o que aconteceu em 1910 após a assinatura do primeiro-ministro coreano Yi Wanyong, do tratado de anexação da Coreia.

²⁶ Internamente a direita coreana era resistência nas igrejas, enquanto o governo geral dos japoneses implementava a assimilação forçada, cerca de 18 escolas cristãs, 200 igrejas foram fechadas e 50 líderes cristãos foram presos e mortos pelos japoneses.

²⁷ A ideia era formar um governo coreano exilado, através deste gabinete, os coreanos poderiam buscar legitimidade e financiamento como também fazer requisições a outros países para que fossem ajudados em sua luta pela independência.

sediados em Xangai, o governo previa o surgimento de uma república com três poderes aos moldes de repúblicas ocidentais. O movimento de 1º de março conseguiu “unificar” o nacionalismo coreano com nomes que se discordavam entre si. O governo tinha nomes desde Syngman Rhee, um cristão metodista que se formou politicamente nos Estados Unidos, até proeminentes comunistas como Yi Donghwi. Rhee entrava em confronto com outros nacionalistas, e acabou se retirando da presidência provisória e foi para os EUA onde ficou até 1945.

Os nacionalistas buscavam ajuda internacional para a causa de independência coreana, já na esquerda foi a ajuda soviética quem beneficiou os movimentos guerrilheiros na Coreia, diferente dos nacionalistas que não tinham suas preces atendidas por potências ocidentais devido aos seus impérios. Os movimentos de esquerda recebiam ajuda da Internacional Comunista para a luta contra os japoneses²⁸ e, inclusive com boa parte dos seus membros estudando técnicas de guerrilha em território soviético, tanto que os primeiros partidos comunistas coreanos foram fundados em território russo, em Irkutsk e em Kharbarovsk, coreanos exilados em outras partes da Ásia estudavam o marxismo e aprendiam a formar movimentos de esquerda.

Durante a invasão dos japoneses na Manchúria, o Partido Comunista da China formou guerrilhas com a participação de coreanos em 1936, foi inclusive nessas fileiras onde um jovem chamado Kim Songju, aprendeu as técnicas de guerrilha (MACEDO, 2018.). Com o tempo ele foi tomando posições de liderança e adotou o nome de Kim Il Sung em homenagem a um combatente coreano na Manchúria. Sua liderança em batalhas se iniciou em 1937 avançando a partir do Norte descendo o rio Yalu com um grupo de cerca de 150 homens, venceu algumas batalhas contra o exército japonês e depois recuou e foi para Kharbarovsk onde treinou com o exército soviético e aprendeu sobre teoria socialista soviética.

²⁸ MACEDO, E. U. (2018). A Montanha e o Urso: Uma História da Coreia. Columbia and San Bernadino, Amazon Publishing. Chega a afirmar que os coreanos que lutavam contra os japoneses foram os primeiros a receber ajuda da Internacional, o Comintern “fornecia fundos, armas e conselheiros” (MACEDO, 2019), essa influência soviética na formação dos quadros coreanos é explicada pelo fato de que a formação deles foi feita em território russo, o “Partido Socialista Coreano foi fundado em 1918 em Kharbarovsk, leste russo”.

Os japoneses conseguiram suprimir dissidências dentro do território coreano, sendo ela dividida em diversas células pequenas. O corpo de resistência coreana sobrevivia fora da península, os nacionalistas continuaram com o seu governo provisório com a ajuda do Kuomintang, e os comunistas coreanos eram treinados pelo Partido Comunista Chinês na Manchúria, e os dois futuros líderes da Coreia dividida até 1945 estavam respectivamente na Rússia (Kim Il Sung) e nos Estados Unidos (Syngman Rhee).

Mesmo com tantas articulações os japoneses conseguiram conter a formação de partidos perseguindo os movimentos, até quase conseguir sufocá-los. Em 1928 os movimentos em território coreano quase não existiam, e esta situação vai até 1945, tanto que podemos dizer que não foram os movimentos de resistência que livraram a Coreia dos japoneses.

2. DIVISÃO, GUERRA E MEMÓRIA

2.1. A divisão da Coreia:

A Segunda Guerra Mundial é encerrada com as explosões atômicas de Hiroshima e Nagasaki. No dia 2 de setembro de 1945 o Japão anuncia sua rendição incondicional pondo fim não só a guerra como também ao seu império. Os movimentos chegam a um momento em que eles vislumbram escolher o destino de seu país.

Com a derrota japonesa, as forças aliadas assumiram posições estratégicas na península. Em 9 de agosto de 1945, os soviéticos ocuparam o Norte fazendo uso de suas tropas estacionadas na Manchúria²⁹, visando portos nordestinos da península. Já os americanos, devido à proximidade de sua posição em Okinawa, ocuparam o Sul, liderados pelo comandante John R. Hodge, também à frente das tropas durante o conflito com os japoneses (MACEDO, 2018).

São bem conhecidos os encontros das lideranças aliadas no período final da Segunda Guerra, principalmente os encontros do chamado "Big Three" - entre Roosevelt, Stalin e Churchill³⁰. Foram nesses encontros que se discutiu o destino da península coreana. No entanto, as conversas não resultaram em nenhum consenso. Junto com Chiang Kai Shek³¹, no Cairo, decidiram de forma vaga - sem nada muito efetivo - que haveria uma tutela conjunta temporária até que a independência da Coreia fosse concedida. Nenhuma liderança coreana fez parte da reunião.

Os coreanos esperavam que essa independência chegaria logo e não esperavam de forma alguma uma divisão, até que em 10 de agosto de 1945 o pentágono propôs uma divisão territorial especificamente no paralelo 38³², como linha de divisão das

²⁹ Região Chinesa que faz fronteira com o Norte da Península coreana.

³⁰ Conferências do Cairo (1943) Teerã (1943), Ialta (1945), e Potsdam (1945) – Para mais informações sobre as conferências e a questão coreana ver: MACEDO, Emiliano Unzer. A Montanha e o Urso: Uma História da Coreia. Columbia and San Bernadino: Amazon Publishing, 2018, também SETH, Michael J. A Concise History of Modern Korea. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2010.

³¹ Chiang Kai-shek, líder nacionalistas chinês conhecido como o grande fundador da China após a queda do império em 1912.

³² É importante ressaltar que não existiu em momento algum na história da Coreia uma separação territorial que justifique a fronteira estabelecida no paralelo 38, essa separação nasceu especificamente no contexto pós-segunda guerra, e sem influência alguma nem do povo, de suas elites, nem dos partidos e organizações sociais coreanas.

ocupações soviética e norte-americana, nenhum coreano foi consultado nesta decisão.

Figura 1: Mapa da Península Coreana e o Paralelo 38.



Fonte: The 38th Parallel North, 1995

O Comando militar soviético foi implantado em agosto de 1945, eles se estruturaram com ajuda da população através dos comitês populares locais e através das polícias que controlaram a ordem pública, na mensagem publicada pelo comando “A noite escura da escravidão sobre a Coreia durou por longas décadas, e, chegou enfim a hora da libertação!”³³, o tom era de que os soviéticos estavam lá para libertá-los, não os tutelar.

³³ KIM, Chun-Kil. The History of Korea. Westport, Connecticut, EUA & Londres: Greenwood Press, 2005, pp. 167 -168. Apud. MACEDO, Emiliano Unzer. A Montanha e o Urso: Uma História da Coreia. Columbia and San Bernadino: Amazon Publishing, 2018.

Já no Sul, no início de setembro os americanos começaram a ocupação. A maior diferença que podemos perceber foi que os soviéticos reconheciam o poder local e com sua cooperação estabeleceram o Comando. Já com os americanos no dia 8 de setembro de 1945, o comandante designado para a Coreia John R. Hodge foi procurado pelo governo provisório, mas ele nem os recebeu e não reconheceu a existência ou legitimidade deles, Hodge obedeceu às ordens de Douglas MacArthur, que tinha os seguintes dizeres:

Em virtude da autoridade investida em mim como Comandante em Chefe das Forças do Exército dos EUA e do Pacífico, venho por meio deste estabelecer o controle militar na Coreia ao sul da latitude 38 Norte, e anúncio aos habitantes de lá as seguintes condições de ocupação: todos os poderes de governo sobre o território citado está sob a minha autoridade. As pessoas obedecerão às minhas ordens e se submeterão à minha autoridade. Ato de resistência às forças de ocupação ou quaisquer atos que possam perturbar a paz e segurança serão punidos severamente. Para todos os efeitos, o inglês será a língua oficial do controle militar.³⁴

A citação acima é muito esclarecedora sobre a visão que os norte-americanos tinham dos coreanos, para eles era como se eles fossem os responsáveis por gerir os coreanos incapazes de formarem o seu próprio estado, tanto que para esta transição os americanos mantiveram no início a estrutura colonial japonesa, assim como parte de suas leis, e como veremos posteriormente, os Estados Unidos atraiu para si a responsabilidade de construir o estado coreano, não ligando para a autodeterminação dos mesmos, isso guardando as devidas proporções se compara ao que os japoneses fizeram no início da colonização, simplesmente não reconheciam os coreanos como capazes de autodeterminação ou capacitados de construir seu próprio rumo como estado-nação.

Mesmo com uma ocupação militar no início com o tempo os soviéticos foram concedendo poder a seus aliados coreanos civis³⁵, dando força aos comitês populares locais, enquanto isso eles foram projetando a liderança de Kim Il Sung, que aos 33 anos foi recebido com uma grande festa em Pyongyang, e teve seu

³⁴ Idem.

³⁵ O poder foi sendo transferido a civis pelos soviéticos em 1946 enquanto o mesmo só foi feito pelos Estados Unidos um ano depois.

caminho limpo para se tornar o líder do lado norte.³⁶ Os comitês foram sendo colocados sob controle pelo partido comunista coreano aliado dos soviéticos, em dezembro de 1945 com Kim Il Sung se tornando seu líder, foi ascendido a liderança da república em formação no Norte.³⁷

A ascensão de Kim Il Sung se torna surpreendente considerando a sua idade à época, ele tinha 33 anos no final da Segunda Guerra, e era o líder socialista mais popular e tinha uma boa fama entre os soviéticos, já que serviu o Comandante da Primeira Força do Extremo Oriente do Exército Vermelho, por ser conhecido dos comandantes soviéticos ele era a melhor opção para a liderança.

A ascensão de Kim ao poder não encontrou obstáculos em lideranças rivais, em setembro 1945, já não havia mais rivais no espectro da esquerda, já que Hyon Chunhyok líder do Partido Comunista Coreano, foi assassinado³⁸. Em 1946, para encerrar qualquer divisão no espectro da esquerda, Kim Il Sung funda um novo partido, o Partido dos Trabalhadores da Coreia, visando retirar as influências externas indesejáveis (MACEDO, 2018).

O ano de 1946 marcou o surgimento dos movimentos políticos que eventualmente liderariam ambos os lados da península. Enquanto o Partido de Kim Il Sung alcançava hegemonia no Norte, no Sul, diversas correntes - tanto de direita como moderadas de esquerda - optaram por formar uma coalizão, com o respaldo dos norte-americanos. Em outubro, essa coalizão foi formalizada, mas os comunistas sulistas divergiram das abordagens da coalizão em relação à redistribuição de terras. Enquanto reformas agrárias ocorriam no Norte, o Sul testemunhava uma espécie de retrocesso à posse

³⁶ Macedo cita em seu texto que no período pós 1945 os comunistas mais antigos estavam se organizando no lado Sul, e no mesmo período no Norte os soviéticos limpavam o caminho para Kim Il Sung, já que ele era conhecido por eles e já havia servido com eles no Exército Vermelho, tanto que em setembro de 1945 o rival comunista de Kim Il Sung foi misteriosamente morto.

³⁷ Macedo, coloca a ideia de que a URSS também queria manter a Coreia dividida, a ascensão de Kim Il Sung foi feita de forma afastada de lideranças comunistas antigas, que na época lutavam pela revolução em Seul.

³⁸ É importante ressaltar que há debates de historiadores sobre a morte deste líder, há discussões sobre autores, motivação e circunstâncias desde a década de 1960, até a data é incerta há historiadores que afirmam que o assassinato ocorreu no dia 28 de setembro como Michael J. Seth, já outros afirmam que foi no dia 03, Data que consta em sua lápide no Cemitério dos Mártires Revolucionários na Coreia do Norte. Quando a motivação e autoria, por um bom tempo historiadores insinuaram que Kim Il Sung e os soviéticos tiveram ligações com o crime, já que os autores nunca foram presos, mas há vertentes que mostram que ele foi assassinado em uma conspiração de um movimento fascista sul-coreano. Para mais informações ver: https://en.wikipedia.org/wiki/Hyon_Chunhyok.

por antigos proprietários do período pré-colonização. Este ponto de discórdia desencadeou comunistas de se tornarem se tornarem oposição ao governo, logo depois foram colocados na clandestinidade ainda no mesmo ano.

A maior parte do governo sulista era composto por quadros do Partido Democrático da Coreia, que passou a defender uma maior autonomia para o Sul. Até que em fevereiro de 1947 os Americanos passaram o governo para um gabinete civil, liderado por An Jae-Hong, um moderado.

Uma obra que nos ajuda a entender a perspectiva internacional durante a transição coreana e também sua divisão é "*Korea - The 38th Parallel North*" (Coreia – O norte do paralelo 38.), escrito por Ryo Sung Chol, ele afirma em seu texto algo que já foi citado aqui, a divisão coreana não surgiu a partir dos coreanos³⁹, mas sim a partir dos seus "tutores", o autor vai mais a fundo para mostrar que uma questão que deveria ser resolvida de forma interna pelos coreanos foi internacionalizada pelos Estados Unidos.⁴⁰

Em 1947, os Estados Unidos propuseram a criação da "Comissão das Nações Unidas para a Coreia" na ONU, com o objetivo de coordenar a transição para um regime democrático na Coreia por meio da realização de eleições para formar um governo coreano. Os soviéticos foram contra a proposta⁴¹.

³⁹ É importante também destacar que a divisão dos coreanos não ocorreu somente por atitude norte-americana ou soviética, havia grupos tanto no Sul quanto no Norte que não queriam a existência do outro na formação da república, os comunistas disputavam entre si, os comunistas do Sul não dialogavam com os do Norte, no Sul os nacionalistas lutaram contra a tutela e a divisão do país, mas a divisão ocorreu já que os nacionalistas, não queriam a participação dos comunistas do Sul e vice-versa. Ou seja, a rivalidade soviético-americana estava sendo transmitida para os coreanos e por isso se dividiram.

⁴⁰ CHOL, Ryo Sung. *KOREA-The 38th*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 1995, p.207: On October 17, 1947, Austin, the US delegate to the United Nations, presented the US resolution on "the problem of the independence of Korea" (A/C, 1/218) as the basis for debate on the Korean question at the UN First Committee.

⁴¹ A União Soviética manifestou-se contra a proposta devido à desconfiança causada por alguns pontos. Mesmo que teoricamente todos os países parte da comissão fossem signatários da ONU, os Estados Unidos exerciam uma grande influência sobre os demais, o que deixava a URSS em minoria, e devido ao fato da URSS, juntamente com alguns partidos e organizações coreanas, acreditarem que uma eleição guiada pelas ONU resultaria em um governo pró-EUA no poder.

Os soviéticos em outubro do mesmo ano fizeram uma contraproposta⁴², sugeriram que todas as tropas estrangeiras fossem retiradas até o final de 1948 e que o próprio povo coreano fizesse a sua transição. Os Estados Unidos foram contra.

Após a ONU criar a “Comissão Temporária das Nações Unidas sobre a Coreia” para as eleições na península, a URSS por discordar do caminho que estava acontecendo, se retirou dos planos, como era ela quem liderava a ocupação no Norte, apenas o Sul faria parte do processo.

Se opondo a isso cerca de 42 partidos e diversas organizações sociais, tanto do Norte como do Sul propuseram a ideia de uma conferência, essa conferência pretendia decidir os rumos da península e mantê-la unificada. A conferência ocorreu em abril de 1948 em Pyongyang, e no dia 30 foi assinado por todos os participantes um manifesto onde constava que todas as tropas estrangeiras se retirassem da península, que haveria uma união pacífica de todo o território coreano, e que após a retirada das tropas estrangeiras, os partidos e organizações sociais formariam um governo provisório que faria uma eleição legislativa direta com voto secreto e universal, e esse corpo eleito faria uma assembleia constituinte.

Citando diretamente o manifesto Chol escreve:

"[...] A eleição separada na Coreia do Sul, mesmo que fosse realizada, seria uma decepção, porque os partidos políticos e organizações sociais da Coreia do Norte e do Sul, envolvendo mais de dez milhões de pessoas, ou seja, a maioria esmagadora dos eleitores, eram contrários a ela e não a reconheceriam." (CHOL, 1995, p. 216, tradução do autor)⁴³

A adesão ao manifesto mostrava que existia uma oposição de parte considerável dos movimentos populares às eleições promovidas pelos norte-americanos, para as

⁴² Sobre a proposta encontramos em CHOL, Ryo Sung. KOREA-The 38th. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 1995, p.208.

Podemos analisar a razão desta proposta dos soviéticos por eles não terem a mesma força nem o apoio internacional que os norte-americanos para conseguir manter um aparato militar forte no norte coreano, por isso era mais vantajoso deixar que as forças de esquerda coreanas - que eram a maioria - sem interferência, as chances eram maiores para os soviéticos. Para os Estados Unidos a proposta não era vantajosa, o presidente Harry Truman, com sua doutrina não poderia dar as esquerdas coreanas a liberdade para subirem ao poder em toda a península, ter um governo pró-EUA era essencial para seus interesses.

⁴³ No original: [...] that the separate election in South Korea, even if it were held, would be a disappointment, because the political parties and social organizations of North and South Korea, involving more than ten million people, that is, the overwhelming majority of voters, were against it and would not recognize it.

eleições do Sul só havia apoio do Partido Democrata Coreano, liderado por Syngman Rhee (CHOL 1995, p. 217).

Esta eleição foi crucial para a divisão da Coreia, pois mesmo com oposição do Norte e dos partidos de esquerda do Sul, elas ocorreram no dia 10 de maio de 1948, a votação foi livre, secreta e universal, 75% da população coreana no Sul participou do pleito que elegeu uma assembleia nacional com 198 participantes dos quais de acordo com Macedo; “83 eram de partidos independentes, e 85 faziam parte de uma coalizão e que junto do Partido Democrático da Coreia apoiavam Syngman Rhee, que foi eleito presidente⁴⁴, e em 15 de agosto foi proclamada a República da Coreia, o governo recebeu apoio dos Estados Unidos e de seus aliados da ONU” (MACEDO, 2018).

A fundação da República da Coreia ocorre anteriormente a fundação da República Popular Democrática da Coreia, neste lado do paralelo 38 o pleito só teve participação de partidos do espectro da esquerda, os comunistas sul-coreanos se juntaram ao Norte para participar do processo que ocorreu dez dias depois das eleições no Sul (25 de agosto), foi fundado o Conselho Supremo do Povo e foi eleito presidente Kim Il Sung, em 9 de setembro de 1948 foi proclamada a República Popular Democrática da Coreia, o governo recebeu apoio dos soviéticos e dos outros países do espectro socialista, desde então foi formalizada a separação da península coreana.

No ano seguinte, em junho 1949 os norte-americanos retiraram suas tropas da península, os soviéticos já tinham feito o mesmo no final do ano anterior (MACEDO, 2018). Syngman Rhee para consolidar o seu governo, escolheu perseguir os coreanos de esquerda que não concordaram com o resultado das eleições, os comunistas no Sul guerreavam contra o exército do recém-formado país, o regime mesmo tendo sido eleito se comportou de forma ditatorial, já que os presos rebeldes eram condenados sem julgamento, Rhee acabou fazendo uso da estrutura de repressão anteriormente criada pelos japoneses.

Em outubro de 1949, a guerra civil chinesa terminou com a vitória de Mao Tsé-tung sobre o Kuomintang. Tudo o que estava ao norte do paralelo 38 passou a estar sob o espectro socialista. Neste contexto, com a resistência de esquerda enfrentando

⁴⁴ A eleição de Syngman Rhee não foi através do voto direto, mas sim com voto indireto, a partir da assembleia constituinte eleita em 1948.

desafios sob o regime de Rhee, Kim Il Sung elaborou um plano para anexar a península em busca da unificação. Segundo Macedo, esse interesse cresceu devido à percepção de que os Estados Unidos não agiram para impedir a derrota do Kuomintang na China. Levando à ideia de que a intervenção norte-americana seria improvável caso o Norte buscasse a unificação da península⁴⁵.

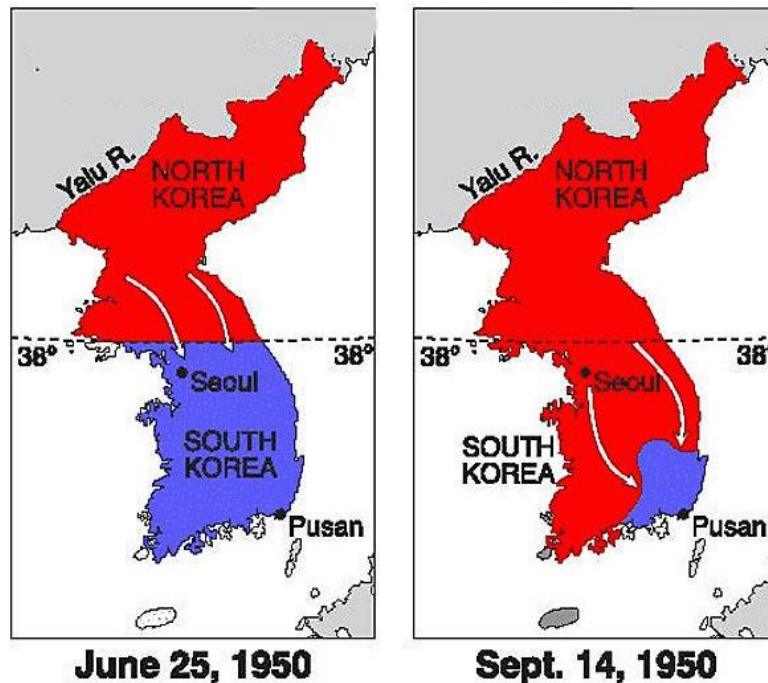
Kim foi buscar ajuda dos soviéticos que disseram não querer se envolver diretamente no conflito, mas que os apoiariam em treinamento e principalmente em armamento. Foram fornecidos, tanques, aviões armas, nesta ocasião eles eram superiores aos sulistas. Entre os dias 10 e 19 de junho de 1950 foram mobilizadas tropas para a fronteira a pretexto de um exercício militar e no dia 25 eles começaram a marchar rumo ao sul do paralelo 38.

2.2. A Guerra da Coreia (1950-1953):

O que chamamos de Guerra da Coreia durou 3 anos, se inicia no dia 25 de junho de 1950 e a fase bélica do conflito se encerra com um armistício em 27 de julho de 1953, pode-se dizer que a guerra foi rápida, e pode ser dividida em quatro fases.

Figura 2 - A guerra da Coreia em Mapas

⁴⁵ Macedo menciona as palavras do Secretário de Estado americano Dean Acheson afirmando que “a política de contenção anticomunista dos Estados Unidos não incluía a Coreia” (MACEDO, 2018) Do lado Sul, havia indícios das afirmações de Rhee de que eles eventualmente entrariam em combate.



Fonte: Pacifism21, 2016⁴⁶

A primeira fase está representada nos mapas acima, o mapa da esquerda é como o território estava configurado antes do início do conflito, assim foi dividido a península, entre os dias 25 de junho e 14 de setembro o Norte avançou de forma vitoriosa, já que eles eram mais bem equipados com a ajuda soviética, tanto que demoraram apenas 3 dias para tomar Seul. A resposta estadunidense não foi vagarosa, eles acionaram o Conselho de Segurança da ONU logo no dia 26 para condenar a atitude do Norte, os soviéticos boicotaram a reunião e se ausentaram dela, logo o Conselho de Segurança aprovou uma resolução para responder ao avanço.

No dia 30 de junho já havia força aérea e tropas terrestres a caminho da península, os norte-americanos conseguiram apoio de 16 países⁴⁷ da ONU que enviaram tropas para lutar contra os coreanos no Norte, essas forças se uniram em território japonês e no dia 15 de setembro de 1948 elas desembarcaram em Inchon, pelo flanco oeste dando início a uma nova fase da guerra.

A segunda fase da guerra foi a ofensiva das tropas da ONU, as forças retomaram Seul em 10 dias, e a partir do dia 27 de setembro de 1950, as forças aliadas ao Sul

⁴⁶ <https://pacifism21.org/sites/default/files/koreanwar-fourmaps1200.jpg>, Acesso em 04 de setembro de 2023.

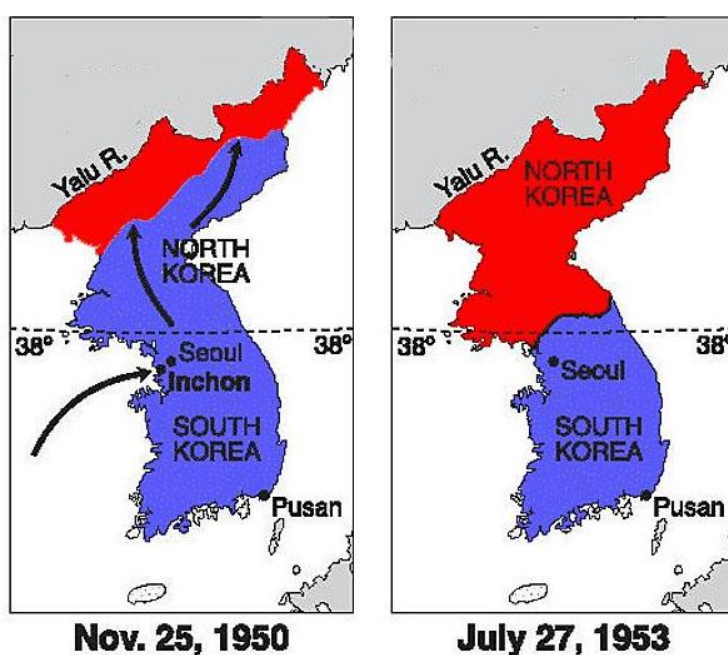
⁴⁷ São eles: Austrália, Bélgica, Canadá, Colômbia, Etiópia, França, Grécia, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Filipinas, África do Sul, Tailândia, Turquia, Reino Unido.

iniciaram uma perseguição para acabar de vez com o regime do Norte e unir a península, no dia 2 de outubro as tropas da ONU tomaram Pyongyang, e no dia 25 de novembro já estavam as portas do território chinês na Manchúria. O regime de Mao resolveu ajudar dispensando tropas para a luta contra o Sul, foram enviadas 18 divisões de combate o que seria mais de 200 mil homens, as tropas incluíam tanto chineses quanto coreanos que viviam na china desde o período da anexação japonesa.

A partir de então a guerra ficou mais acirrada e se inicia a terceira fase, os soldados do Norte retaliam o avanço do Sul e os mandam de volta em direção a anterior fronteira, entre os dias 27 de novembro e a virada para o ano de 1951, as tropas ocidentais já estavam de volta ao lado sul do paralelo 38.

Seul foi tomada outra vez pelo Norte em janeiro e a partir daí os avanços do Sul foram vagarosos e Seul só foi retomada em março. Entre os dias 14 de junho de 1951 e 26 de julho de 1953 nada mudou nas fronteiras da guerra, o front havia se tornado um desperdício para os dois lados, ainda em março Truman havia afirmado que a missão de evitar o comunismo na Coreia do Sul havia sido cumprida, e que as forças da ONU estavam prontas para negociar um cessar-fogo.

Figura 3 - A guerra da Coreia em Mapas



Fonte: Pacifism21, 2016.

O armistício, enfim, foi assinado no dia 27 de julho de 1953, nele foram definidas as condições de uma trégua e não um encerramento do conflito, nele também foi delimitada a atual fronteira coreana, chamada de zona desmilitarizada, nunca foi assinado um tratado de paz que pusesse fim ao conflito.

O saldo desta guerra foi muito doloroso principalmente para o Norte, que foi quem mais sofreu com as baixas, na tabela abaixo temos os números específicos, que mesmo assim ainda são imprecisos podendo ser superestimados:

TABELA 1: Saldo de Perda Militares do Norte

	RC	RPDC	EUA	ONU	CHINA
Mortos (Militares)	237.686	500.000	33.629	3.143	116.000
Feridos (Militares)	N/E	N/E	103.284	11.532	220.000

Fonte: MACEDO, 2018.

Tanto o Sul quanto o Norte perderam muitos civis, para o regime ao norte foram cerca de um milhão de mortos civis, para os sulistas cerca de o número foi de 1,3 milhão, fora as perdas materiais e cidades destruídas, foi muito difícil para o Norte se reconstruir após esse conflito que mesmo depois de 70 anos ainda vive suas consequências.

Algo que diferencia os dois regimes é a memória do conflito, o conflito ainda existe, já que ainda existem tropas americanas no lado sul da península, e para o norte há uma razão muito importante para manter a memória deste conflito viva na mente de seus cidadãos, é de vital importância até para sua própria existência.

2.3. A Memória norte-coreana do conflito:

Um das principais consequências do conflito é a atual separação da península, isso fez com que houvesse não só duas Coreias, mas dois mundos, duas histórias da Coreia, e duas memórias da guerra da Coreia. Nosso objetivo neste trabalho se mantém em analisar o lado norte da península então vamos dar uma olhada em uma memória específica do conflito.

Na cidade de Sinchon na província de Hwanghae Sul, existe um lugar de memória⁴⁸, esse lugar é um museu intitulado “Museu de Sinchon”⁴⁹, o museu se dedica à memória de um fato que só é relatado pelo Estado norte-coreano. É interessante destacar que em minha pesquisa consegui encontrar citações a este fato em treze referências e fontes, destas, quatro são ocidentais e estas estão analisando fontes e relatos que ocorrem somente ao Norte, não foi encontrada referência ao fato em autores norte-americanos que pretendem narrar os fatos do conflito.

De acordo com o autor norte-coreano Kim Chol Myong,

Seus ataques mortais mataram 35.383 civis no condado de Sinchon ou um quarto de sua população em 50 dias de ocupação do condado [...] Os métodos empregados eram horríveis e variados: atirar, sufocar com gás venenoso, amarrar porcos antes de remar, enterrar vivos, queimar até a morte, jogar em minas, rasgar o corpo membro a membro usando carros de bois, serrar rostos, martelar pregos ou pinças de ferro na testa, arrancando olhos, cortando orelhas e narizes, cortando os seios das mulheres, estripando mulheres grávidas, pisoteando fetos e cravando paus pontiagudos em partes vitais (MYONG, 2003, p. 8).

2.4. A importância de Sinchon:

Falar deste museu é de grande importância ao se pensar em memória da Guerra da Coreia para o lado Norte da península, a título de demonstração dessa importância o fato é mencionado na biografia de Kim IL Sung. Na biografia de Kim IL Sung vemos que,

Kim Il Sung disse: “Certa vez, Engels chamou o exército britânico de a força mais brutal do mundo. O exército nazista alemão ultrapassou o exército britânico em brutalidade durante a Segunda Guerra Mundial. O cérebro humano não poderia imaginar atrocidades mais perversas e chocantes do que as perpetradas pelos animais nazistas. Mas, na Coreia, os ianques superaram em muito os nazistas”. Os agressores imperialistas dos EUA massacraram coreanos inocentes aleatoriamente em todos os lugares que foram. Somente no

⁴⁸ O conceito de lugar de memória utilizado encontra-se em NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Pierre Nora argumenta que um espaço de memória transcende sua natureza física, adquirindo significado através da imaginação e de uma aura simbólica. Mesmo um local aparentemente utilitário, como um arquivo, só se torna um lugar de memória quando é investido de tal aura. Da mesma forma, objetos funcionais, como manuais ou associações, só entram nessa categoria quando são submetidos a rituais. Até um gesto aparentemente simples, como um minuto de silêncio, que parece representar o auge do simbolismo, serve também como uma ruptura concreta na unidade temporal e periodicamente reaviva a lembrança de forma concentrada. Esses três aspectos sempre coexistem, sendo o espaço de memória ao mesmo tempo material em sua composição demográfica, funcional por sua capacidade de cristalizar e transmitir a memória, e simbólico por definição, ao representar um evento ou experiência vivida por poucos a uma maioria que não participou diretamente.

⁴⁹ Em alguns lugares na internet você pode encontrar o local sendo chamado de Museu Sinchon de Atrocidades da Guerra Americana em inglês; “*Sinchon Museum of American War Atrocities*”

condado de Sinchon, mais de 35.000 pessoas foram massacradas. Os elementos sobreviventes das classes exploradoras derrubadas e os reacionários, por instigação dos imperialistas dos EUA, juntaram-se às atrocidades. As atrocidades brutais do inimigo mostraram que não se deve alimentar nenhuma ilusão sobre os imperialistas dos EUA, mas sim lutar contra o inimigo de classe sem concessões. Nem as atrocidades dos agressores imperialistas dos EUA, nem quaisquer manobras do inimigo de classe poderiam colocar de joelhos o povo coreano, um povo firmemente unido em torno de seu líder. (DPRK, 2001, p. 175-176)

O museu que foi inaugurado em 1960 também é citado em três dos quatro volumes da biografia de Kim Jong IL, neste contexto são citadas visitas do líder ainda antes de sua ascensão, no primeiro volume de sua biografia o museu é tratado como ferramenta educacional, em 1962 no início de sua carreira no partido fundado pelo seu pai, lemos:

Na educação política e ideológica entre os alunos, Kim Jong Il deu especial atenção à educação de classe. Em um dia frio de janeiro de 1962, em uma visita ao Museu Sinchon que abrigava relíquias históricas que falavam do genocídio que os imperialistas dos EUA cometeram em Sinchon durante a Guerra de Libertação da Pátria, ele disse que o museu é muito importante para educar o povo coreano não esquecer as sangrentas lições de Sinchon. [...] para os alunos da Universidade Kim Il Sun. Ele disse: “Não devemos alimentar um pingão de ilusão sobre o imperialismo dos EUA. Nos dias de retiro temporário durante a guerra, muitas pessoas alimentaram ilusões sobre os imperialistas dos EUA, apenas para serem mortas em suas mãos. Não devemos esquecer as sangrentas lições de Sinchon.” Enfatizando que todos devem estar firmemente decididos a se vingar dos assassinos americanos, ele aconselhou os alunos a visitarem o Museu Sinchon e encontrar testemunhas oculares dos horrores daquela época, ou realizar reuniões expressando sua determinação de se vingar. (DPRK, Kim Jong Il Biography pt. 1 2001, p. 95)

Já em 1998, já governando a RPDC, ele visita o museu outra vez naquele ano e promove investimentos no museu, de acordo com sua biografia ele pessoalmente dá instruções detalhadas “sobre como reconstruir o museu e equipá-lo com materiais que pudessem mostrar vividamente os detalhes” (DPRK, Kim Jong Il Biography pt. 3 2005, p. 146) o que os americanos fizeram em Sinchon. A reforma foi concluída em 1996 e naquele mesmo ano Kim Jong Il Discursa:

Devemos educar o povo a nutrir um ódio ardente contra os imperialistas dos EUA e um espírito de luta intransigente por meio de visitas ao Museu Sinchon. O museu é uma base importante para aumentar sua consciência anti-EUA.

Continuou que, como os agressores norte-americanos fizeram com que os quislings, inimigos de classe do povo, cometessem o massacre de Sinchon, o museu deveria servir não só como base para uma educação antiamericana, mas também como uma importante base para implantar no povo a ódio ao inimigo de classe e espírito de luta. (DPRK, Kim Jong Il Biography pt. 3 2005, p. 147)

O museu é claramente importante para a RPDC como um modelo bem sucedido de educação patriótica e antiamericana, no quarto volume de sua biografia, Kim Jong IL agora no século XXI ele afirma que “No passado, o socialismo desmoronou em vários países porque eles falharam em manter vigilância suficiente contra os inimigos de classe”, no texto de sua biografia é mais uma vez ressaltado que o museu é uma ferramenta que ajuda o socialismo a se manter vivo naquela nação e atribui o fracasso em outros países justamente por terem sido negligentes neste sentido.

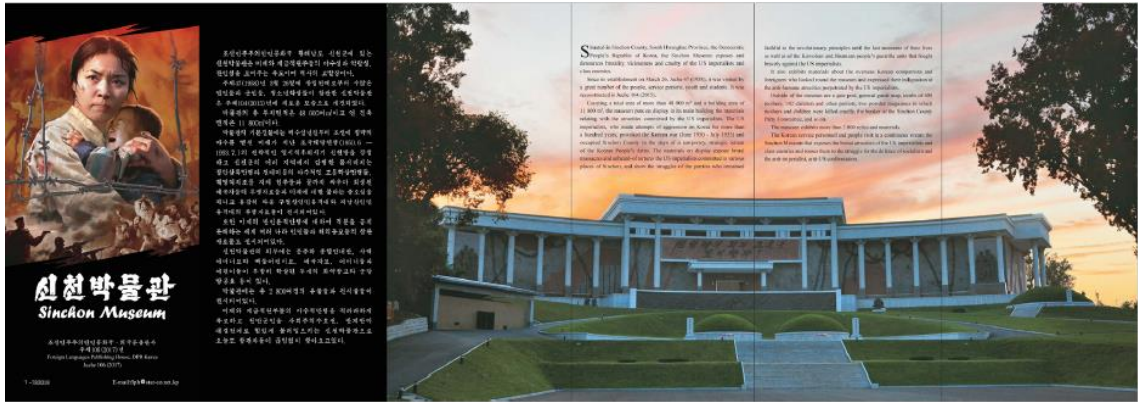
Conhecendo agora da importância deste lugar, e seu propósito para a RPDC vamos agora nos debruçar sobre a história que este lugar conta e a memória que ele intenciona transmitir.

Devido ao isolamento da RPDC não é fácil conseguir imagens de um museu no interior do país, mesmo assim, ele atrai a curiosidade de estrangeiros, foi assim que encontrei as imagens, que iremos mostrar aqui. Não há informações sobre autor das imagens, o que sabemos é que elas foram produzidas durante as reformas do governo de Kim Jong IL, e houve uma outra reforma em 2015, agora no governo Kim Jong Un, e nestas reformas foram criados tanto pinturas – como as que iremos mostrar aqui – quanto estátuas reproduzindo as cenas das pinturas.

As informações iniciais sobre o museu estão em um folheto encontrado nesta pesquisa, no início do folheto, na figura 4, encontramos informações sobre a localização e a estrutura do museu e o que se pode encontrar nele, de acordo com o folheto existem mais de 2.800 do que eles chamam de “relíquias⁵⁰” e materiais, que podem ser as pinturas e as estátuas que reproduzem as cenas do massacre.

Figura 4 – Folheto do Museu de Sinchon

⁵⁰ São os artefatos da época, mas podem incluir armas usadas, objetos das vítimas, e ossos.



Fonte: Folheto do Museu de Sinchon.

Na segunda parte do folheto, na figura 5, nos é mostrado, uma pequena passagem pelo que podemos encontrar no local, relembrando também fatos ocorridos e mostrando fotos tanto da época quanto do local atualmente.

Figura 5: Folheto do Museu de Sinchon



Fonte: Folheto do Museu de Sinchon.

As figuras que vamos trabalhar aqui não foram encontrados em materiais oficiais como no caso do folheto, mas sim em um artigo do site do jornal britânico Daily Mail escrito por Charlie Moore, neste artigo são exibidas 13 pinturas que de acordo com o jornalista acredita-se terem sido produzidas em 2005.

O que nos atesta a veracidade as imagens expostas é que elas coincidem com reproduções em estátuas no museu a exemplo das imagens mostradas abaixo, a esquerda há uma pintura reproduzindo uma cena de tortura de uma camponesa, já à direita vemos uma fotografia retirada do folheto onde está sendo reproduzida a mesma cena:

Figura 6: Pintura retirada do DailyMail e foto retirada do folheto do museu.



Fonte: Moore,2017⁵¹ e Folheto do Museu de Sinchon

Quanto as cenas reproduzidas, são as mais diversas, todas retratam torturas e atrocidades, atribuídas aos soldados norte-americanos. O texto norte-coreano que trata do que aconteceu em maior detalhe é o texto “The US Imperialists Started the Korean War”, dos autores Ho Jong Ho, Kang Sok Hui, Pak Thae Ho, o texto faz um panorama histórico que vai desde a história dos Estados Unidos até os fatos da Guerra da Coreia, argumentando que foram os Estados Unidos os provocadores do conflito na península.

Em “The US Imperialists Started the Korean War,” os autores afirmam que:

Na primeira data de sua ocupação, Harrison declarou: “Minhas ordens são a lei e quem as violar será fuzilado incondicionalmente” [...] Olhando para os bebês aninhados no peito de suas mães, ele rugiu: “É muito feliz para as mães e os bebês estarem juntos. Rasgue os bebês de uma vez e tranque-os separadamente! Deixe as mães morrerem de ansiedade por seus bebês, e deixe os bebês morrerem chorando por suas mães!” (HO, HUI e HO 1993, p. 200-201)

Acima há dois trechos separados onde os autores pretendem definir um padrão de caráter para os militares americanos, o Harrison citado é o comandante do 8º exército, que estava avançando contra os nortistas neste período, o texto afirma que todo o massacre foi perpetrado sob suas ordens, as falas citadas no texto não trazem referência alguma, apenas são jogadas no texto.

⁵¹ <https://www.dailymail.co.uk/news/article-4928854/Horrific-North-Korean-propaganda-paintings.html>, acesso em 04 de setembro de 2023.

A citação acima faz muito sentido se colocarmos a citação em comparação com uma das pinturas do museu, na figura 7, onde podemos ver um comandante apontando uma arma para uma criança chorando em cima do corpo morto de sua mãe ao lado do que seria o seu irmão, o comandante aponta a arma não demonstrando a menor empatia.

Figura 7: Pintura 1



Fonte: Moore, 2017.

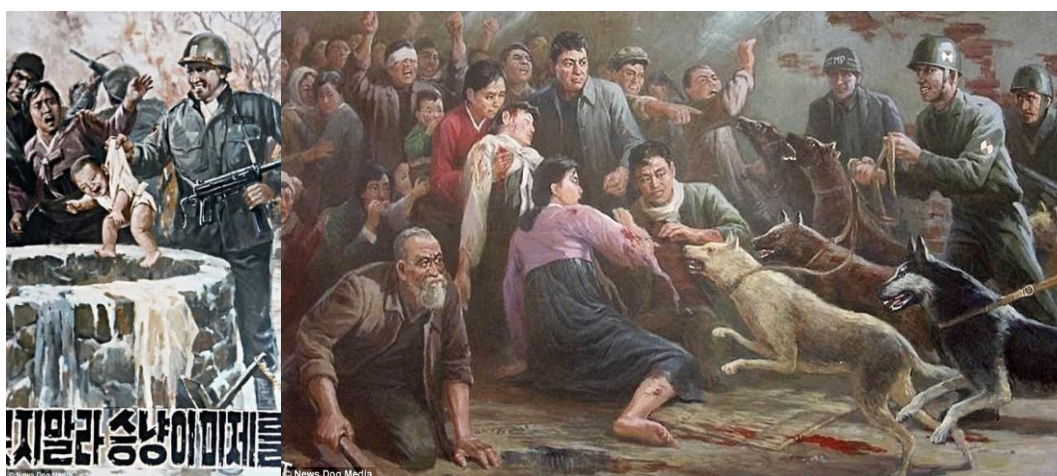
As expressões dos soldados americanos variam de desprezo a diversão perversa. Dois soldados asiáticos ao fundo, provavelmente sul-coreanos, exibem perplexidade com as ações americanas, diferindo das expressões de raiva dos norte-coreanos. A imagem busca incitar ódio aos americanos, ressaltando a brutalidade e covardia. Os sul-coreanos são considerados omissos por não intervir. A imagem pretende categorizar a parte de cada nacionalidade representada e revela quem é a vítima (povo norte-coreano), agressores (soldados americanos) e omissos (soldados sul-coreanos).

Outra coisa que ajuda a separar quem é quem nestas imagens são as cores da pele de cada um, por padrão aos norte-coreanos são atribuídas cores iluminadas, estão corados e é quase como se estivessem sendo iluminados, já os americanos são

pálidos, e com feições cadavéricas, e no caso desta imagem os sul coreanos são corados, humanizados, mas não iluminados.

Na maioria dos relatos e das imagens as vítimas são por padrão, mulheres crianças ou idosos, isso demonstra para quem vê as imagens que os soldados americanos são covardes por massacrar crianças e mulheres indefesas, mas também que os homens jovens e fortes norte-coreanos não estavam lá pois estavam lutando na guerra.

Figura 8: Pintura 2 e 3



Fonte: Moore, 2017.

O texto continua com outros relatos, de massacres contra crianças que são posteriormente reproduzidos tanto por pinturas do museu como por fotografias encontradas no panfleto, os autores afirmam:

As tropas mercenárias dos EUA, por ordem de Harrison, arrancaram os bebês dos seios de suas mães desesperadamente resistentes e os trancaram em outro armazém. As colinas e o ar de Sinchon reverberaram com os bebês choros por suas mães e os gritos das mães chamando seus queridos. [...] Como resultado, mais de 910 pessoas, incluindo 400 mães e 102 crianças, foram mortas juntas nos dois armazéns. (HO, HUI e HO 1993, p. 201-202)

Figura 9: Pintura 04

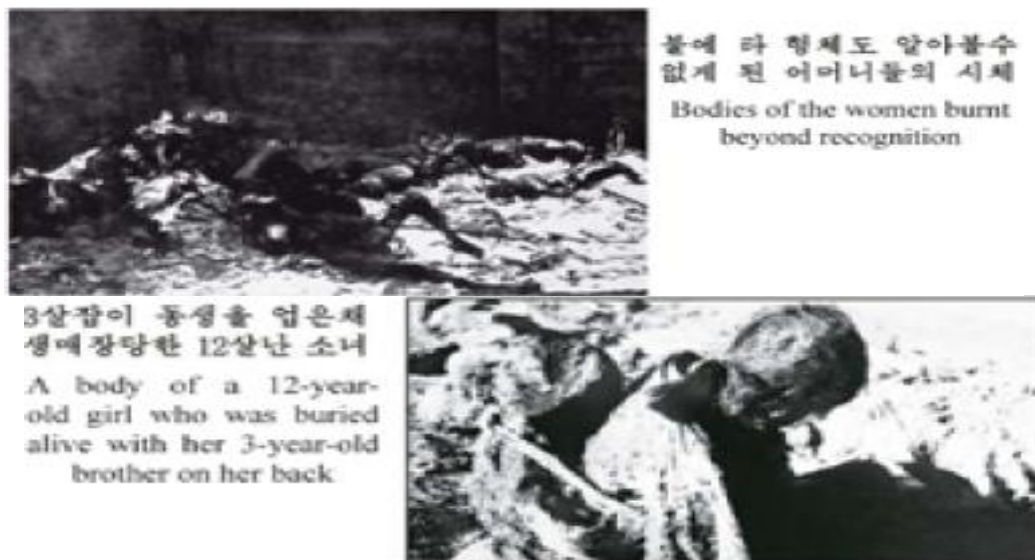


Fonte: Moore, 2017

O texto também faz menção a pessoas sendo queimadas vivas, esse relato é corroborado não por pinturas feitas a posteriori, mas por fotos que encontramos no panfleto:

Em 18 de outubro, no dia seguinte à ocupação de Sinchon, os agressores prenderam mais de 900 pessoas, incluindo 300 crianças e mulheres, no abrigo antiaéreo do Comitê do Partido do Condado de Sinchon e queimaram-nas até a morte, incendiando-o depois de derramar gasolina sobre eles. (DPRK 2004, p. 109)

Figura 10: Imagens do Folheto do Museu



Fonte: Folheto do Museu de Sinchon

Os relatos continuam agora falando de pessoas que foram enterradas vivas em trincheiras. Lembrando que é o mesmo padrão as imagens pretendem chocar quem

as vê retratando pessoas vulneráveis como mães e crianças, enquanto soldados norte-americanos fazem tudo com sorrisos sádicos no rosto com feições quase que vampíricas.

Figura 11: Pintura 05 e 06.



Fonte: Moore, 2017.

Nos dias 19 e 23 enterraram vivas ou queimaram até 650 pessoas nas trincheiras. Eles perpetraram o massacre de pessoas em maior escala e mais brutal já conhecido na história nas áreas temporariamente ocupadas da metade norte da Coreia. (HO, HUI e HO 1993, p. 200)

Junto de todos esses relatos também há os que falam sobre torturas de pessoas de forma individual, como no caso que está na figura 6, onde uma camponesa é torturada, entendemos o que se passa na imagem quando lemos o relato:

Em 18 de outubro de 1950, em Wolsan-ri, sub-condado de Chori, condado de Sinchon, os mercenários americanos mataram uma camponesa modelo depois de arrastá-lo pela aldeia com o nariz e as orelhas travessados com arame, as mãos perfuradas com baionetas e uma carta de elogio pregada em sua testa, ela havia sido premiada como uma camponesa modelo. (idem, 1993, p. 202)

O propósito da memória norte-coreana da guerra é acima de tudo uma memória revanchista, que nos faz lembrar o conteúdo escolar sobre a Primeira Guerra Mundial onde é alimentado o revanchismo francês devido a derrota na Guerra Franco-Prussiana, o propósito deste museu não é só nos mostrado a partir dos relatos citados anteriormente, mas o próprio panfleto mostra o sentimento demonstrado pelos visitantes após feito o tour pelo museu.

Figura 3 – Folheto do Museu



Fonte: Folheto do Museu de Sinchon

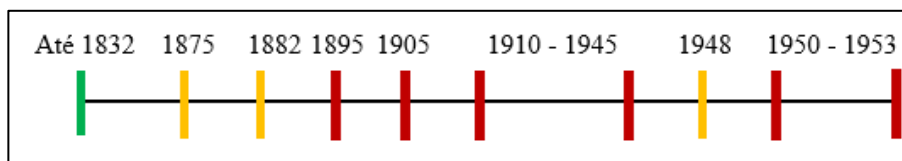
Acima os visitantes juram se vingar dos imperialistas pelo que aconteceu com eles durante a Guerra da Coreia, principalmente porque há Sinchon para sempre lhes lembrar do que aconteceu.

Após a leitura de toda uma história em um período de 121 anos (1832-1953), percebe-se que a Coreia teve um abalo enorme, não é à toa que Michael E. Robinson chama esta história de uma Odisseia, em seu livro ele afirma:

A experiência histórica da Coreia ao longo dos últimos cem anos. É uma experiência moldada pela intrusão estrangeira, pela ocupação, pela guerra e, muitas vezes, por convulsões sociais e econômicas violentas. Se tal experiência fosse uma viagem, seria uma odisséia no verdadeiro sentido da metáfora. (ROBINSON, 2007, p. 03)

Em todo o tempo o território da península coreana alternou entre independência fragilizada e dominação total, ou parcial de alguma potência estrangeira, em nenhum período do que podemos chamar de história contemporânea da Coreia até 1953 houve uma total independência, apenas após a guerra é que de fato os dois países se estabeleceram como nações independentes.

No caso da RPDC que é o nosso foco, apenas em seu isolamento sua independência foi mantida e preservada, em todo o contato com estrangeiros de alguma forma sua independência foi violada.



A exemplo do esquema acima vemos em verde o período em que a Coreia foi independente e em amarelo onde teve sua independência ameaçada ou incompleta e em vermelho os períodos em que não havia independência, os fatos marcados no esquema são os seguintes:

TABELA 2: Ordem cronológica da Coreia independente

<p>Até 1832: Reino de Koryo, reino tributário da dinastia Qing, mas mantendo sua independência, foi em 1832 que os coreanos têm seu primeiro contato com ocidentais, a partir de então sua independência deixou de ser algo garantido.</p>
<p>1875: Tratado de Kanghwa, ano em que os japoneses bombardeiam a ilha e forçam um tratado desigual, independência ainda existia só que agora era algo em xeque por parte de seu vizinho.</p>
<p>1882: Tratado de Amizade e Comércio, o mesmo nível de tratado desigual que os japoneses impuseram só que dessa vez é imposto pelos Estados Unidos.</p>
<p>1895: No ano anterior a Revolta camponesa Kabo se torna um pretexto para a entrada de tropas japonesas e chinesas da península que se torna palco da guerra sino-japonesa, que termina com vitória do Japão neste ano.</p>
<p>1905: Confirmação da superioridade japonesa na disputa pelo território, o ano da vitória japonesa na guerra russo-japonesa.</p>
<p>1910-1945: Período de anexação japonesa, onde a península se tornou parte do território japonês, nenhuma autonomia.</p>
<p>1948: Formação das duas Coreias, em um contexto em que a sua independência não estava garantida.</p>

1950-1953: Período da Guerra da Coreia. Somente após o armistício que os dois países realmente tiveram autonomia para se construírem e seguir o seu próprio caminho, mas separados.

Fonte: O autor.

Dos 121 anos abordados aqui 78 a Coreia esteve sem sua total independência, e a importância deste fato será explicada no capítulo seguinte onde vamos entender a ideologia que rege o estado norte-coreano e a história de sua cultura, a independência é o centro da visão coreana ao norte do paralelo 38.

Não se pode concluir o que teria ocorrido se a história fosse de outra forma, do contrário seria contrafactual, mas o que podemos constatar é que a divisão não se iniciou com os coreanos, foi transmitida a eles a rivalidade que divide a península.

Em todos os períodos em que a Coreia lidou com estrangeiros a população sofreu, Kim IL Sung cresce neste contexto, e é por isso que por eles é desenvolvido e incentivado esse sentimento de ódio ao estrangeiro, principalmente os norte-americanos, lembrar da guerra da coreia é o que dá razão a existência do Estado da RPDC.

Mas qual a base teórica de sustentação do regime, a memória histórica talvez não seja o suficiente para que a população se mantenha alerta e com vontade de se isolar, a explicação para esta questão vem do estudo das ideologias que regem o estado da RPDC, elas foram formadas com contribuições de Kim IL Sung e principalmente de Kim Jong IL, elas se chamam Juche e Songun, e é sobre isso que se trata a próxima parte do trabalho.

3. JUCHE, O PENSAMENTO REITOR DA RPDC

Kim Il Sung, Kim Jong Il e Kim Jong Un se consideram socialistas, mas é interessante notar que em muitos trechos eles tentam se desprender do socialismo soviético alegando criar uma ideia original que Kim Il Sung nomeou de Juche.

3.1. O Que É O Juche?

Juche ou em Hangul⁵² 주체, é um termo que em coreano significa "Dono de Si", para uma grande parte dos autores ocidentais é tido como uma ideia vazia, Myers chega a dizer que “ao ler os textos sobre o Juche lhe parece um aluno de graduação enrolando em seu TCC”. Na minha leitura o texto não é muito complexo, mas apesar disso pretende ser mais do que uma tese sobre economia ou sobre política.

O texto que melhor cumpre o papel de explicar as bases do Juche, é o artigo "Sobre a Ideia Juche", escrito por Kim Jong Il, o texto consegue fazer o que Il Sung não fez, sintetizar e definir as bases em uma ideologia, os textos de Il Sung em sua maioria são discursos, onde ele fala ao povo ou funcionários do Partido o que deve

⁵² Hangul é o nome do alfabeto coreano.

ser feito para que o Juche esteja presente na vida dos cidadãos, um exemplo é no texto "Sobre a Eliminação do Dogmatismo, do Formalismo e o Estabelecimento do Juche no Trabalho Ideológico", onde ele discursa instruções para os funcionários da ala propagandista do partido, há o discurso e há instruções mas não uma sistematização da ideia, em linhas gerais podemos afirmar que o Juche só se estrutura a partir de Kim Jong Il.

O Juche pretende ser mais do que uma visão de estado ou uma aplicação do socialismo, ao lerem seu texto "Sobre algumas questões para a compreensão da filosofia Juche", Kim Jong Il mostra que a ideia Juche é uma visão sobre o homem e seu lugar no mundo, afirmando; "A filosofia Juche explica uma nova questão: quem é o dono do mundo e de onde emana a força que o transforma e modifica" (JONG-IL 2018), neste trecho ele deixa claro esta proposta, o Juche pretende explicar o papel que o ser humano deve ter no mundo e qual é a sua busca principal.

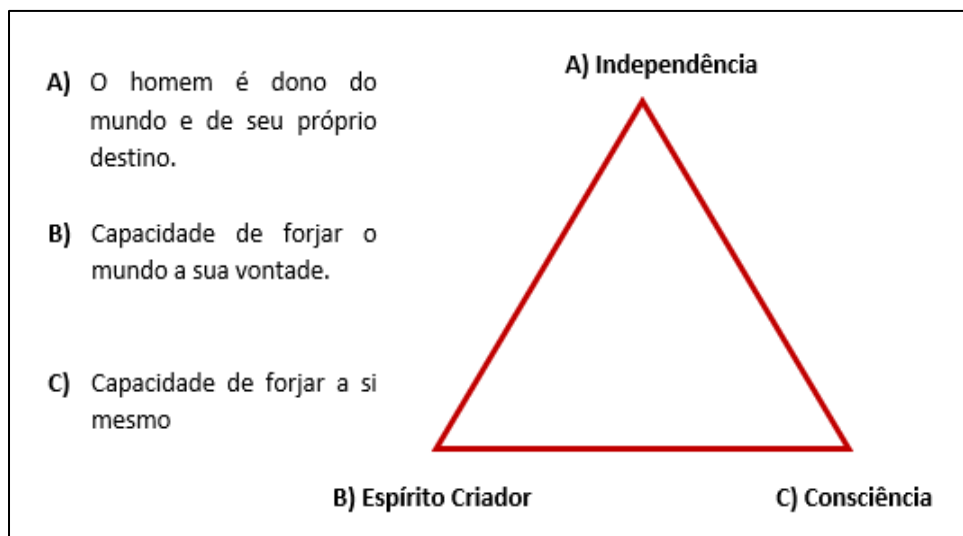
3.2. Os Atributos Sociais do Homem:

No início do seu texto Jong-Il apresenta uma das primeiras bases da sua filosofia; a independência, ele mesmo afirma que para entender o Juche em sua totalidade é necessário ter uma compreensão correta acerca da independência. A filosofia Juche é essencialmente materialista, não acredita que haja algo metafísico, mas também acredita que o Homem possui um diferencial que os outros seres não possuem.

O diferencial é a sociabilidade, nenhum outro ser da natureza tem a habilidade de modificar o mundo a sua volta e dobrar a natureza a sua vontade como o ser humano, e esse poder vem graças ao seus atributos que não são aflorados individualmente ou concedidos pela natureza, Jong-Il divide esses atributos sociais do homem em 3; são eles Independência, Espírito Criador, e Consciência; nenhum desses atributos pode existir sem o principal deles e que é citado na obra ao menos 140 vezes⁵³ em todo o livro, isso sem dúvidas nos mostra a importância deste ponto maior do que os outros dois:

⁵³ Para se ter uma ideia da importância deste termo para o livro, são 140 citações da palavra em um texto de 141 páginas, se eliminarmos a parte pré e pós-textual estamos falando da palavra mais citada de todo o trabalho.

Figura 13: Exemplificação do Juche



Fonte: Ilustração do autor.

3.3. Independência:

Para Jong-Il é um erro pensar que a independência é um atributo natural de todo os seres humanos, a independência não é exercida sem que se esteja em sociedade, é um atributo social, e além do mais é algo para ser conquistada, a natureza dá ao ser humano suas características biológicas e já a sociedade é quem lhe concede a independência, atributo primordial para o exercício dos outros dois pilares, todos eles ligados com o ser humano e seu destino de vida em sociedade.

“A independência do homem distingue-se essencialmente do simples instinto de conservação física que possui qualquer ser vivo. Trata-se de um atributo de viver e progredir como ser social. De forma que é incorreto explicá-lo como um instinto biológico de sobrevivência. Porque isto não seria outra coisa senão eliminar a diferença fundamental que existe entre o ser social e o natural, entre o atributo social e o biológico. A independência do homem distingue-se essencialmente do simples instinto de conservação física que possui qualquer ser vivo. Trata-se de um atributo de viver e como ser social. De forma que é incorreto explicá-lo como um instinto biológico de sobrevivência. Porque isto não seria outra coisa senão eliminar a diferença fundamental que existe entre o ser social e o natural, entre o atributo social e o biológico.” (JONG-IL 2018)

Ou seja, a independência é uma conquista do ser humano em sociedade, é mais que uma característica é um objetivo, o ser humano nasce com a vontade de tornar independente, é por isso que ele modifica a natureza, sem esse espírito de

independência ele teria continuado como nossos ancestrais caçadores e coletores, dependendo apenas do que a natureza concede, para o Juche é necessário a independência para que o ser humano atinja seu potencial pleno e faça melhor uso de seus outros dois atributos como o Espírito Criador e a Consciência.

Kim Jong Il, afirmou que toda forma de luta para transformar a sociedade, a natureza e as pessoas estão direcionadas a defender e tornar realidade a independência das massas populares (JONG-IL 2018, p. 45) s, um exemplo disso é baseada nas próprias ações do ser humano, a partir do momento em que ele modifica a natureza, para construir um abrigo por exemplo, ele está buscando se tornar autônomo e não mais dependente das circunstâncias naturais, isso vale tanto para a natureza quanto para o capitalismo, que em sua visão é a mais recente das violações da independência das massas (JONG-IL 2018, p. 47). Para Jong Il: “a história do desenvolvimento da sociedade humana é a história da luta das massas populares para defender e realizar a independência”. (JONG-IL 2018, p. 45)

Podemos afirmar que a luta que está dentro de cada ser humano pela independência no caráter social se mostra com as massas populares, é importante ressaltar que não há no texto uma delimitação definitiva de quem a luta é especificamente, não fica delimitada a termos como classe trabalhadora, operária ou camponesa, na maioria das afirmações ele usa o termo “massas populares” é para uma luta da maioria pela independência contra uma minoria chamada por ele de “exploradora” com uma “ideologia caduca” e com uma “cultura reacionária”, ainda citando Jong Il:

No final das contas, todas as classes exploradoras constituem a reação na história, o branco da revolução. Toda a trajetória da sociedade de classes é a história da aguda luta entre os criadores e os reacionários, entre os protagonistas e os brancos da revolução, ou seja, entre as massas do povo trabalhador e as classes exploradoras reacionárias. A sociedade avança e progride através desta luta. (JONG-IL 2018, p. 42)

Segue mais uma citação interessante e definidora sobre a independência para Kim Jong Il:

Para o homem, enquanto ser social, a independência significa a vida. Ao afirmar dessa maneira, nos referimos a vida sociopolítica. O homem possui uma vida social e política juntamente com a física. Se

esta é a vida como organismo biológico, aquela é a vida como ser social. (JONG-IL 2018, p. 37)

3.4. Independência Aplicada Socialmente:

Mas de que forma essa independência pode ser aplicada na sociedade, em um país, em um estado? O autor continua explicando em seu texto quando ele aborda os princípios diretivos da ideia Juche. Dividindo a explicação em três partes intituladas Independência na política, Autossuficiência na economia e Autodefesa na salvaguarda nacional.

A Independência na política se trata de uma questão primordial, assim como sem independência não há ação humana legítima sem independência na política não há autossuficiência econômica nem como defender o país, em suma é o que chamamos de soberania nacional, para que essa independência política seja assegurada é necessário que o poder esteja nas mãos das massas populares (JONG-IL 2018, p. 68), junto com isso é necessário que haja um partido com uma ideologia definida que defenda as suas causas, e com uma liderança que agrupe as massas populares em torno do objetivo que é a independência.

A Autossuficiência na economia nas próprias palavras de Kim Jong Il:

Edificar uma economia nacional autossuficiente significa levantar uma economia sustentada sobre suas próprias bases, sem depender de outros, que sirva ao seu povo e se desenvolva apoiando-se nos recursos do seu país e nas forças do seu povo. (JONG-IL 2018, p. 71)

No próprio texto o autor explica outros aspectos de uma economia autossuficiente, uma economia neste estágio precisa ter seu apoio nos próprios recursos, para Jong Il “depender de outros países para ter acesso a matérias-primas e combustíveis e confiar aos outros a jugular da economia” (JONG-IL 2018, p. 74), desenvolver uma indústria pesada e ao mesmo tempo fomentar a indústria leve e a agricultura, contando também com autossuficiência técnica, tanto no uso como no desenvolvimento de tecnologias nacionais com pessoal qualificado do próprio país.

Nesse contexto Kim Jong Il não quer dizer que economicamente o país não pode ter comércio exterior ou importações, mas em sentido de produtos essenciais,

ele deve ser independente para que não haja relações econômicas desiguais entre os países.

O último é basicamente um tópico que posteriormente voltaremos quando formos falar sobre a Política Songun. Autodefesa na salvaguarda nacional, em suma é ter forças armadas fortes e sempre em prontidão para defender o país, o autor afirma que para sua defesa, um país precisa estar com seu exército em dia com dois pontos; um deles é uma indústria de defesa nacional, dessa forma o país não dependerá de outros para ter recursos o suficiente para sua defesa.

Kim Jong Il em seu texto mostra uma preocupação interessante no segundo tópico, enquanto o primeiro é a garantia de que o país terá recursos materiais e tecnologia para a sua autodefesa, o segundo tópico é a garantia de que o país terá recursos em pessoal, o segundo tópico é a superioridade político-ideológica, essa superioridade vem da mentalidade das tropas, nisso está uma vantagem que de acordo com Jong Il nem armamentos melhores do inimigo conseguem possuir, a superioridade político-ideológica, se resume na ideologia Juche estar penetrada na mente dos soldados e em toda a cadeia de comando, não somente isso também é sobre a origem dos quadros do exército, para Kim Jong Il um bom exército tem seus quadros vindos das massas populares, é desde um soldado até o general sendo filhos de operários e camponeses, dessa forma as forças armadas não perderão a conexão com seu povo e não perderão a moral ao se defender de inimigos externos.

O nobre espírito revolucionário de lutar pela liberdade e libertação do povo, a imensa fidelidade ao partido e ao líder, o incomparável espírito de sacrifício de entregar sem hesitação até a juventude e a vida à causa da Pátria e da revolução, o heroísmo coletivo, a camaradagem revolucionária entre oficiais e soldados, os laços inseparáveis com o povo, a disciplina consciente etc., constituem a superioridade político-ideológica que unicamente o exército do povo, o revolucionário, pode possuir. (JONG-IL 2018, p. 79)

3.5. Espírito Criador:

De acordo com Jong Il, o Espírito Criador é uma força dinâmica que existe dentro de cada ser humano, capaz de gerar ideias inovadoras e criativas. Ele é visto como a capacidade inata do ser humano para transformar o mundo ao seu redor, utilizando suas habilidades criativas.

Em seu texto ele argumenta que o Espírito Criador é um elemento crucial na revolução, pois ele permite que as pessoas sejam autossuficientes e criativas em suas vidas e na construção da revolução. O Espírito Criador, portanto, é visto como uma força que pode ser usada para alcançar a independência política, econômica e cultural da nação.

O Espírito criador em si é o responsável pelas atividades criativas que irão fazer a revolução avançar, por exemplo; sem o espírito criador não haveria como Kim Il Sung criar o Juche, sem o espírito criador não haveria possibilidade da visão de futuro, de fazer uma evolução nas estruturas sociais e políticas.

O processo de criação é o mesmo processo da luta, à margem do qual não se pode conceber a criação do novo. Sobretudo o processo de substituição do decadente regime social por outro novo e a emancipação social das massas populares, constituem um processo de amarga luta de classes. (JONG-IL 2018, p. 53)

O processo da luta revolucionária para Jong-Il é o processo de criação das massas, são elas substituindo (ou procurando substituir) um sistema antigo e opressor por outro onde ela finalmente alcance sua independência, “A história da humanidade é a história da criação das massas populares” (JONG-IL 2018, p. 53), o pensamento criativo das massas tem o objetivo da conquista da independência é o meio de luta delas.

3.6. Espírito Criador Aplicado na Sociedade:

O Espírito Criador é essencial para a continuidade da revolução, por isso Kim Jong Il, afirma:

As massas populares, como transformadoras da natureza e da sociedade e forjadoras do seu próprio destino, devem manter necessariamente a sua posição criadora. (JONG-IL 2018, p. 55)

É a partir do Espírito Criador que a sociedade conseguirá construir o seu próprio país, mas também ajudará a se adaptar, fugindo do que o autor chama de dogmatismo, que é a transformação da luta pelo socialismo em algo que se pode engessar em uma fórmula, é o espírito Criador que ajudará as massas a inovarem criando um socialismo adaptado a sua própria situação.

3.7. Consciência:

A consciência é vista por Kim Jong Un como uma característica fundamental do ser humano. Para ele, a consciência é definida como a capacidade de compreender e transformar o mundo ao nosso redor. Conforme afirmado por Kim Jong Un, "a consciência determina todas as atividades para compreender e modificar o mundo e a si mesmo" (JONG-IL 2018, p. 24).

Segundo a filosofia Juche, a consciência é uma força dinâmica que nos permite entender o mundo ao nosso redor, mas também moldar a nós mesmos. Para a filosofia Juche, a consciência é vista como uma ferramenta essencial para a construção de uma sociedade autossuficiente, capaz de superar as dificuldades e desafios que surgem no caminho para alcançar seus objetivos. Nesse sentido, a consciência é entendida como uma força revolucionária capaz de promover a transformação social e a independência nacional.

3.8. Consciência Aplicada à Sociedade:

A consciência aplicada em sociedade é muito mais uma questão de educação e de mentalidade social, Kim Jong Um afirma o seguinte quando se fala de estabelecer o Juche na ideologia:

Estabelecer o Juche na ideologia significa que cada um possua a consciência de estar encarregado da revolução e da construção, adote o critério e a atitude de pensar e realizar todas as coisas a partir da revolução do seu país e de resolver qualquer problema com sua própria sabedoria e seu próprio esforço. (JONG-IL 2018, p. 63)

Essencialmente a consciência é o pilar que faz com que o cidadão em estágio pré-revolucionário saia da alienação, quando falamos em estágio revolucionário a consciência é o que os faz se enxergar como parte de um todo, entendendo essencialmente sua parte em uma nação em construção rumo a tão objetivada independência.

3.9. A História Para O Juche.

Para a filosofia Juche, a história é vista como um processo dinâmico, em constante evolução, que é moldado pelas ações dos seres humanos. O Juche

entende que a história é influenciada pelo pensamento, a ação e a criatividade das massas populares e, portanto, pode ser mudada através da vontade e da ação consciente delas.

Segundo o Juche, a história é uma sucessão de lutas em que as pessoas lutam para superar a opressão e alcançar a independência. O Juche entende que a história é moldada pelas ações dos seres humanos essencialmente “O movimento histórico-social é o movimento criador das massas populares” (JONG-IL 2018, p. 52). As mudanças, rupturas e continuidades só existem graças ao Espírito Criador das massas populares.

O Juche também enfatiza a importância da independência nacional na história. Para o Juche, a independência nacional é a condição básica para a existência e o desenvolvimento das nações e dos povos. O Juche entende que a independência nacional é conquistada através da luta contra a opressão e a exploração, e que as nações devem ser autossuficientes e capazes de resolver seus próprios problemas. Para o Juche “A história é a história da luta das massas populares pela independência” (JONG-IL 2018, p. 45).

Por fim, podemos dizer que o Juche é uma ideologia complexa que busca explicar a posição do homem no mundo e sua busca por autonomia e independência. Embora tenha sido criticado por alguns autores ocidentais por ser visto como uma ideia vazia, o texto de Kim Jong Il, "Sobre a Ideia Juche", é capaz de sintetizar e definir as bases do Juche de maneira clara. O Juche não se limita a uma visão de estado ou aplicação do socialismo, mas busca ir além, propondo uma visão sobre a natureza humana e a força revolucionária da consciência.

Em resumo, para Kim Jong Il, a independência é um atributo social que deve ser conquistado e é fundamental para o ser humano viver e progredir como um ser social. A luta pela independência está presente na história do desenvolvimento da sociedade humana e é direcionada a defender e tornar realidade a independência das massas populares. A independência é aplicada socialmente através dos princípios diretivos da ideia Juche, que incluem a independência na política, autossuficiência na economia e autodefesa na salvaguarda nacional. A luta pela independência é uma luta contra as classes exploradoras reacionárias e é essencial

para o ser humano atingir seu potencial pleno e fazer melhor uso de seus outros dois atributos: o Espírito Criador e a Consciência.

Em suma, o conceito de Espírito Criador de Jong Il destaca a importância da criatividade e inovação na revolução e na construção de uma sociedade autossuficiente e independente. Ele enfatiza que é por meio da capacidade criativa das massas populares que a transformação social será possível, e que o dogmatismo deve ser evitado para permitir a adaptação contínua às mudanças sociais. A aplicação do Espírito Criador na sociedade é fundamental para o desenvolvimento e progresso contínuos da revolução, e para a construção de uma sociedade socialista adaptada às necessidades e desafios de sua própria realidade.

A filosofia Juche destaca a importância do Espírito Criador e da Consciência como forças dinâmicas que impulsionam a transformação social e a independência nacional. O Espírito Criador é visto como a capacidade inata do ser humano para gerar ideias inovadoras e criativas que são fundamentais na luta revolucionária. Enquanto isso, a consciência é definida como a capacidade de compreender e transformar o mundo ao nosso redor e é vista como uma ferramenta essencial na construção de uma sociedade autossuficiente. A aplicação desses conceitos na sociedade envolve uma educação que enfatiza a mentalidade social e a importância de cada indivíduo no processo revolucionário. Em última análise, a filosofia Juche destaca a importância do papel ativo do indivíduo na construção de uma sociedade mais justa e autossuficiente.

3.10. Songun: Mantendo a Independência a Qualquer Custo:

O propósito deste trabalho é não só entender o que são as ideias norte-coreanas, mas também entender a razão do isolamento da RPDC, o Juche é uma base filosófica e é a partir de suas premissas que toda produção cultural do país está alicerçada, mas ela não é a razão de seu isolamento.

A ideologia isolante da Coreia do Norte é chamada de Songun (선군), assim como o Juche, a palavra significa não um termo, mas um conceito, Songun significa “militar primeiro” ou “prioridade aos assuntos militares” (DPRK. 2012, p. 1), ela se torna a ideia que chamamos aqui de “isolante” pela razão de ser ela que faz da pequena

nação ao norte do paralelo 38 ter uma atitude muitas vezes hostil, e justamente por isso se isolando de propósito. No próprio definir o que é o Songun um texto do governo da RPDC afirma que:

A ideia Songun é, em suma, uma ideia de fazer a revolução e a construção com o exército como força principal com base no princípio de dar prioridade aos assuntos militares. (DPRK. 2012, p. 1, tradução nossa.)⁵⁴

O contexto da criação da ideia Songun vem do período da luta anti-japonesa de acordo com o livro “Answers and questions on Songun idea” Kim Il Sung fundou a ideia em junho de 1930, durante uma reunião de líderes da Liga dos Jovens Comunistas e da Liga da Juventude Anti-Imperialista realizada em Kalun, na China. Nessa reunião, Kim Il Sung propôs a linha de luta armada anti-japonesa dando “importância as armas” (DPRK. 2012, p. 2). Portanto a ideia Songun foi criada como uma resposta ao imperialismo imposto naquele contexto, na perspectiva dos norte-coreanos o imperialismo que no início do século XX era dos Japoneses é continuado pelos interesses norte-americanos que são um enorme risco a sua independência.

A questão é que a luta pela Independência é uma luta inacabada, por isso que a ideia de “importância as armas” não só foi importante na resistência aos japoneses como também o é para manter a posição da República Popular Coreana independente. A ideia Juche lançou as bases para que o Songun pudesse crescer, enquanto a primeira é uma filosofia sobre o Homem e seu lugar no mundo, o segundo é sobre o caminho para conquistar e manter a independência, é para a independência como objetivo a ser alcançado e pela independência como conquista a ser assegurada que que a ideia Songun existe.

“Dar importância as armas” é definir qual é a área em que o Estado deve focar seus esforços, esta citação retirada do documento oficial nos diz que a independência só é alcançada inteiramente por meio das armas:

Partindo do requisito fundamental da ideia Juche para realizar a independência das massas populares, a ideia Songun estabelece como seu objetivo fundamental dar importância às armas e realizar a

⁵⁴ No original: The Songun idea is, in short, an idea of making revolution and construction with the army as the main force based on the principle of giving priority to military affairs.

causa da independência das massas populares inteiramente por meio das armas. (DPRK. 2012, p. 4, tradução nossa.)⁵⁵

O tempo todo os textos coreanos fazem uma sutil comparação como se o país fosse igual a uma pessoa, as massas populares são como o cérebro, são elas que tem Espírito Criador, Consciência, sede de Independência, se aplicarmos o Songun a uma pessoa, diríamos que ela deve estar sempre alerta e bem armada para lutar pela independência e preservá-la, como a independência é inteiramente alcançada por meio das armas, e um homem para manter a sua independência deve estar bem armado, e sempre pronto para a luta, o mesmo se aplica ao país, ele deve ter suas forças armadas na melhor condição possível.

O Songun é a ideia mantenedora da independência justamente porque ela enxerga as forças armadas como órgão vital para a existência da RPDC como nação, tanto que para o Songun os assuntos militares devem ser colocados antes até mesmo de assuntos mais básicos como a economia:

Significa colocar os assuntos militares antes de todos os outros assuntos e colocar a maior ênfase neles no avanço da revolução e da construção. (DPRK. 2012, p. 49, tradução nossa.)⁵⁶

Por isso que o exército deve ser colocado ao patamar de ser uma força revolucionária invencível, já que foi com as armas que a independência foi conquistada e são somente elas que poderão manter esse estado. Além disso, deve ser dada prioridade ao desenvolvimento da indústria de defesa. Também é importante permear toda a sociedade com o espírito de dar preferência às armas e aos assuntos militares. A luta revolucionária e o trabalho de construção para transformar a natureza, a sociedade e as pessoas envolvem muitos assuntos urgentes e importantes. Portanto, dar importância às forças armadas é visto como uma necessidade para garantir a segurança nacional e proteger a soberania do país contra ameaças externas.

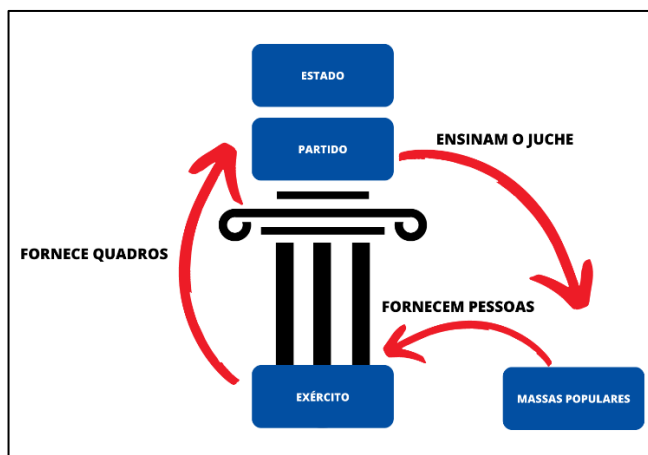
⁵⁵ No original: Starting from the fundamental requirement of the Juche idea to realize the independence of the popular masses, the Songun idea sets as its fundamental objective to give importance to arms and to realize the cause of the independence of the popular masses entirely by means of arms.

⁵⁶ No original: It means putting military affairs before all other matters and placing the greatest emphasis on them in the advancement of revolution and construction.

Para a ideia Songun as forças armadas também são vistas como um meio para promover o desenvolvimento econômico e social do país por meio da indústria de defesa, a ideia coloca o exército não apenas como uma força armada que defende o país, mas como a principal força da revolução para acelerar o progresso da revolução (DPRK. 2012, p. 40). A razão pela qual as forças armadas são vistas como um meio para promover o desenvolvimento econômico e social do país é que a indústria de defesa é vista como um setor importante da economia que pode contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país, fornecendo empregos, tecnologia e produtos de alta qualidade. Portanto, toda a economia em primeira instância é pensada no setor militar, na página 41 o texto até cita que as demandas tecnológicas que o regime necessita podem ser obtidas através do setor de TI do exército (DPRK. 2012).

O exército é tão importante para o regime não pelo fato dele ter apenas as armas, mas pelo fato de que ele é uma extensão do Partido, de acordo com Kim Jong Il “o exército deve ser um exército de quadros” (JONG-IL 2018, p. 70), já que é dele que saem os quadros do Partido, o Estado o Exército e o povo são elementos simbióticos que sustentam o Regime. O Estado e o Partido devem ensinar o Juche como ideia reitora às Massas Populares (Povo) que fornecem pessoas ao Exército, do Exército haverá quadros para compor o Partido, que após isso fornecerá pessoal capacitado para compor o Estado, em essência é como no esquema abaixo.

Figura 14: Modelo Juche



Fonte: Do autor

O exército como Pilar de sustentação deve estar em tudo, é a partir da situação do exército que é possível medir a saúde do regime, como afirmado no próprio documento:

[...]o exército compartilha sua sorte com o Partido, o Estado e o povo; em outras palavras, um exército forte significa um partido forte, um estado forte e um povo forte, mas um exército fraco significa um partido fraco, um estado fraco e um povo fraco. (DPRK. 2012, p. 11, tradução nossa.)⁵⁷

Já que a independência é a coisa mais importante para o país, faz todo sentido dar prioridade a ferramenta conquistadora e mantenedora da independência, o Songun é o que explica como um país tão pequeno e pobre conseguiu desenvolver uma tecnologia cara e restrita como armamento nuclear, e é justamente essa postura que assegura a existência do regime.

Podemos afirmar que as ideologias que regem o estado Norte Coreano são todas em essência permeadas e objetivadas com a ideia de independência.

A etimologia da ideia base Juche já traz o significado “dono de si”, o que já nos dá a primeira pista, a partir de então ela procura explicar os atributos sociais do homem como; Independência, Espírito Criador e Consciência, dos três aspectos o que Kim Jong Il dedica maior esforço para explicar é justamente o primeiro, e para nós é

⁵⁷ No original: [...] the army shares its lot with the Party, the State, and the people; in other words, a strong army means a strong party, a strong state and a strong people, but a weak army means a weak party, a weak state and a weak people.

apresentado não como um atributo natural do homem, mas algo que deve ser conquistado por ele.

A independência é o atributo que sem ele o espírito criador e a consciência de nada serviriam, é um ciclo que se inicia com a tomada de consciência de seu lugar como classe, e a partir disso as massas se utilizam de seu espírito criador para traçar o caminho e se empenharem na revolução para assim conquistarem e manter a independência, esse é o atributo central na ideia Juche. Para conquistar a independência são necessários um método e uma ferramenta, e foi para preencher essa lacuna que surgiu o Songun, uma ideia que desta vez mostra a ferramenta da revolução e seu método de preservação.

Conclui-se que a ideia que isola a Coreia Popular é justamente o Songun, por ser uma ideia que coloca os assuntos militares na posição superior em detrimento de todo o resto no estado, tornando a posição do país hostil. Sem essa hostilidade e sem o Songun a Coreia Popular talvez não mais existisse, justamente pelo fato de que é essa posição de muitas vezes hostilidade e imprevisibilidade que faz com que o país sempre tenha como barganhar com seus vizinhos.

Com o isolamento do país, e em consequência da sua população torna possível preservar o comando do Partido dos Trabalhadores da Coreia e em consequência o Estado, como explicado no texto Questions na Answers on Songun Idea “um exército forte significa um partido forte, um estado forte e um povo forte” (DPRK. 2012), conclui-se até o presente ponto que é o Songun a ideia que isola e mantém o regime firme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos uma análise da história da península coreana entre os anos de 1832 e 1953, e interagindo a mesma com as duas ideologias principais que regem o Estado, conseguimos encontrar uma interpretação, não definitiva, mas plausível para esta prática do regime. Essa interação é de extrema importância para a conclusão deste

trabalho, pois é a partir desta premissa que os norte-coreanos conseguiram contar sua história e articular as suas visões políticas, sociais, culturais etc.

A história da Coreia é intensamente marcada por uma conflituosa relação externa, seja com o Ocidente, ou mesmo, com as nações vizinhas ao seu território. Analisando a partir do panorama histórico a Coreia vivia uma independência até 1832 quando houve o primeiro contato com o Ocidente, quando um navio britânico se acidentou na costa, de acordo eles foram bem tratados e enviados de volta assim que o navio teve seus danos reparados (MACEDO, 2018). Contudo, foi uma questão de tempo até que tudo desandasse, os contatos foram passando para uma forma hostil ameaçando o modo de vida e a independência política dos coreanos até que em 1895 os Japoneses e Chineses lutam pelo território coreano, sendo que 1905 os japoneses saem vitoriosos e tomam a península que foi anexada 5 anos depois.

Ao revermos este processo histórico percebemos que a independência coreana se declina a partir das primeiras relações externas contemporâneas, um reino pequeno reino que precisa se articular entre nações em expansão, como o Japão que inicia seu processo de industrialização aderindo ao imperialismo europeu. A expansão japonesa que só se torna viável a partir da adesão da tecnologia e métodos ocidentais, afinal de contas a força bélica e tecnológica do Japão só surge a partir da restauração Meiji, quando o militarismo e o expansionismo, que eram práticas corriqueiras das potências ocidentais são apropriados pelos japoneses que as aplicam a seus vizinhos do leste asiático.

Após o período de dominação japonesa a tão esperada independência da Coreia não é alcançada, tendo sua autonomia invalidada pelas potências ocidentais; as autoridades americanas e soviéticas simplesmente dividem o espólio entre si dividindo a península sem nenhuma voz coreana ser ouvida. Deste modo a divisão do paralelo 38 se torna um emaranhado histórico extremamente complexo, que intercala principalmente as influências externas sofridas pelos coreanos durante os anos. É como uma bomba cujo pavio foi aceso pelas grandes potências em voga no mundo pré e pós-segunda guerra, em momento algum ao pensar no destino da Coreia pós-Japão os coreanos foram consultados, sequer foi lhes dado a autonomia de construir a si mesmos de forma unida. Assim, portanto, a existência de duas Coreias foi resultado de um capricho norte-americano e soviético, e o que os coreanos fizeram foi trazer para o seu próprio povo a oposição que era de ordem internacional.

Ao se estudar as trajetórias do Norte – sob influência socialista – e do Sul – sob influência norte-americana – podemos concluir que o lado norte do paralelo 38 teve uma maior autonomia para o seu nascimento como país, já que os movimentos de esquerda eram maioria, já o lado sul teve sua organização como país totalmente tutelado pelos norte-americanos. No ponto de vista no Norte eles são independentes enquanto o Sul é uma área dominada pelos americanos, com essa ideia para eles torna justificada uma reunificação forçada através de uma campanha militar iniciada em 25 de junho de 1950 dando início a Guerra da Coreia.

O Norte quase conseguiu o seu objetivo faltando apenas o domínio do litoral sudoeste da península, a partir de setembro de 1950 tropas de uma coalisão da ONU liderada pelos norte-americanos chegam em auxílio das tropas do Sul e retomam o território conquistado pelo Norte, levando o território a praticamente na mesma fronteira de antes do conflito. Ao fim, é assinado um armistício em 27 de julho de 1953, encerrando a fase armada do conflito que se dá até hoje já que nunca houve a assinatura de um tratado de paz que definitivamente encerre o conflito.

Os regimes do Norte e do Sul atualmente vivem de forma totalmente separada, ao sul um regime capitalista pujante cujo grandes empresas estão presentes em mercados diversos no mundo todo, desde eletrônicos como a Samsung, como no mercado automobilístico como a Hyundai e a Kia. O lado norte, politicamente fechado, tem poucas relações internacionais e em tensão constante com seus vizinhos, Coreia do Sul e Japão, e claro com uma maior tensão com os Estados Unidos.

Para entendermos o isolamento da RPDC precisamos entender o Juche, Kim Il Sung não era só um guerrilheiro e seu sucessor Kim Jong Il foi o principal escritor, o que nasceu na mente de Kim Il Sung, Jong Il construiu, uma ideologia política. O que parecer uma versão coreana do Leninismo, ou o Stalinismo, na verdade se traduz em uma ideia singular, singularidade traduzida em sua construção histórica.

Ao analisamos o museu de Sinchon, vemos que para o Norte a memória do conflito é ainda uma ferida aberta, é uma guerra em que eles foram os violados em seu território, vítimas de crimes de segundo eles “superam os nazistas” (DPRK 2001, p. 175). Uma guerra que traduz a tentativa de retomar a Coreia que fora tomada pelos Estados Unidos, ou sejam, que é mais que um conflito bélico, é um conflito por sua soberania. Dessa forma, podemos compreender como as imagens exibidas no museu

demonstra uma ideia de revanchismo, que traduzem um desejo de vingança em relação aos seus dominadores.

Assim, levamos em consideração que as ideias que regem o estado Norte Coreano são em essência permeadas e objetivadas com a ideia de independência. A etimologia da ideia Juche já traz em seu significado “dono de si”. Tal significância já nos dá a primeira pista, a partir de então ela procura explicar os atributos sociais do homem como: Independência, Espírito Criador e Consciência. Dos três aspectos o que Kim Jong Il dedica maior esforço para explicar é justamente o primeiro, e que para nós é apresentado não como um atributo natural do homem, mas algo que deve ser conquistado por ele.

Nessa concepção a independência é o atributo que sem ele o espírito criador e a consciência de nada serviriam, é um ciclo que se inicia com a tomada de consciência de seu lugar como classe, e a partir disso as massas se utilizam de seu espírito criador para traçar o caminho e se empenham na revolução para assim conquistarem e manter a independência, esse é o atributo central na ideia Juche. E para conquistar a independência são necessários um método e uma ferramenta, e foi para preencher essa lacuna que surgiu o Songun, uma ideia que desta vez mostra a ferramenta da revolução e seu método de preservação.

Assim em nossa análise consideramos que a ideia que isola a Coreia Popular é justamente o Songun, por ser uma ideia que coloca os assuntos militares na posição superior em detrimento de todo o resto no estado, tornando a posição do país hostil. Sem essa hostilidade e sem o Songun a Coreia Popular talvez não mais existisse, justamente pelo fato de que é essa posição de hostilidade e imprevisibilidade que faz com que o país esteja sempre em uma posição de barganha no cenário internacional.

Assim, o isolamento também corrobora a própria organização interna e o regime ditatorial que se enquadra ao norte do paralelo 38, pois em consequência da sua população torna-se possível preservar o comando do Partido dos Trabalhadores da Coreia e em consequência o Estado, como explicado no texto Questions and Answers on Songun Idea “um exército forte significa um partido forte, um estado forte e um povo forte” (DPRK. 2012).

O que podemos perceber ao olharmos na história do surgimento dos dois países e após a guerra é que o Norte preservou sua independência aos seus moldes, a ideia Juche e o Songun, são os moldes de sua independência, que modelam as suas

relações externas e internas. Para tal ideóloga – Juche – o país deve ter uma indústria de defesa nacional, de forma que não dependa de outros para ter recursos o suficiente para sua defesa (JONG-IL, 2018), o Sul tem sua defesa em conjunto com os Estados Unidos para treinamento e fornecimento de armas, já o Norte neste sentido tem sua própria indústria bélica e até mesmo seu próprio arsenal nuclear e tecnologia de mísseis balísticos. Nos moldes do Songun e Juche a RPDC é quem é realmente independente, e como vimos no terceiro capítulo, pela independência qualquer preço deve ser pago.

O Songun é a doutrina que explica como um país tão pobre prioriza os investimentos ao militarismo. Mas esse contexto não nos diz que a Coreia do Norte é totalmente independente. Devemos salientar que apesar do auto poderio militar não significa autossuficiência econômica. Todavia em caráter de militarismo e autodefesa, não há nada que aponte uma dependência externa como é percebido no Sul, e isso para eles é mais importante. Portanto, apontamos a formação das estruturas sociais e econômicas, políticas e sociais do Estado Norte Coreano como fruto de sua experiência histórica, é como afirmado por Kim Jong-Il: “o Líder concebeu esta nova ideia revolucionária, a ideia Juche baseando-se nas experiências práticas e nas lições da luta revolucionária.” (JONG-IL, 2018, p. p. 25)

Diante deste contexto podemos analisar as ideologias vigentes no Estado norte coreano são frutos do histórico de contínuo ataque a sua soberania e independência. O Juche e o Songun um recurso do povo do Norte para conquistar sua independência e para a manutenção das estruturas de poder Norte Coreanas. Uma ideia que lembra aos coreanos as lutas erigidas em nome da independência, das intervenções externas, da luta pela tutela de seu governo.

Assim, o Juche e Songun se mostraram como uma saída para os movimentos do norte esteve em se unificar em torno das ideias de Kim Il Sung, líder em destaque no período, com experiência militar e com a ideia que se mostrava uma saída. Assim, o isolamento atualmente tem o propósito de manter o regime vivo, o pretexto usando para conquistar a independência é o mesmo utilizado para um permanente estado de vigilância, em nome da independência a tão duras penas conquistada. A independência é o centro da História Coreana, e para a RPDC, tudo deve ser feito por ela. E é o Songun que mantém o regime de pé, com as forças armadas fortes e o status quo do poder do Partido e do Exército.

Conclui-se, portanto, que a história da Coreia é um fator importante para entender o isolamento da RPDC. Desde o primeiro contato com ocidentais em 1832, os coreanos viram sua independência ameaçada e, mais tarde, foram colonizados pelos japoneses. Após a Segunda Guerra Mundial, a Coreia foi dividida entre os EUA e a União Soviética, levando à criação de dois países distintos, um capitalista e outro socialista. A RPDC, sob o regime de Juche e Songun, preservou sua independência nacional, enquanto a Coreia do Sul se tornou um aliado dos EUA. Essa divergência ideológica resultou em um isolamento internacional para a RPDC, que busca proteger sua independência e soberania. Embora a RPDC seja frequentemente criticada por seu regime, é importante considerar o contexto histórico e político que levou a essa situação, aos seus próprios olhos a Coreia do Norte é aquela que é genuinamente independente.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHOL, Ryo Sung. *KOREA—The 38th*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 1995.

CUMINGS, B. (2005). *Korea's place in the sun: a modern history*. New York: W. W. Norton & Company.

DPRK. *El problema coreano y las tropas norteamericanas estacionadas en el sur de corea*. Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 2004.

_____. *Kim Il Sung: Condensed Biography*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2001.

_____. *Kim Jong Il Biography pt. 1*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2001.

_____. *Kim Jong Il Biography pt. 3*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2005.

_____. *Questions and Answers on Songun Idea*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2012.

HO, Ho Jong, Kang Sok HUI, e Thae Pak HO. *The US Imperialists Started the Korean War*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 1993.

HYON, R. J. (1999). *Japan War Crimes: Past and Present*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House.

JONG-IL, Kim, *Sobre a Filosofia Juche*. Edições Nova Cultura, 2018.

Kim Il Sung: Condensed Biography. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2001.

KIM, Chun-Kil. *The history of Korea*. Westport, Connecticut, USA and London.: Greenwood Press, 2005.

MACEDO, Emiliano Unzer. *A Montanha e o Urso: Uma História da Coreia*. Columbia & San Bernadino, EUA.: Amazon Independent Publishing, 2018.

MAN, K. C. (2018). *Origin of the Korea Question*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House.

MYERS, B. (2010). *The Cleanest Race*. New York: Melville House Publishing.

MYONG, Kim Chol. *US - The Empire of Terrorism*. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2003.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

ROBINSON, Michael E. *Korea's twentieth century Odissey*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2007.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SETH, M. J. (2010). *A Concise History of Modern Korea*. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

VISENTINI, P. G., PEREIRA, A. D., & MELCHIONNA, H. H. (2015). *A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche*. São Paulo: Editora da UNESP.